



Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul:

entre glorificações e alegorias

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

48



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: entre glorificações e alegorias



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: entre glorificações e alegorias



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2022

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Guerra do Paraguai: entre glorificações e alegorias
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 48
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN – 978-65-89557-38-8

CAPA: *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 8 mar. 1868, p. 5.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.

SUMÁRIO

Um veterano militar sul-rio-grandense na Guerra do Paraguai: registros iconográficos.....11

A Guerra do Paraguai em alegorias na imprensa caricata da Corte e do Rio Grande do Sul (1867-1868).....77

Um veterano militar sul-rio-grandense na Guerra do Paraguai: registros iconográficos

Nascido na cidade do Rio Grande, o mais importante entreposto comercial sul-rio-grandense, Joaquim Marques Lisboa (1807-1897), que ficaria conhecido como o almirante Tamandaré, desde cedo, conviveu com as lides marinheiras, tendo em vista a característica portuária da comuna em que nasceu. Muito jovem ingressou na Marinha e, desde então, participou de vários momentos decisivos da vida militar nacional, tanto que, ao longo do século XIX, sua existência confundiu-se com a da própria Armada brasileira. Nesse sentido, Marques Lisboa esteve presente nos enfrentamentos bélicos da época da independência, no confronto com os focos de resistência portuguesa; na Guerra da Cisplatina, com a busca por manter tal território sob a posse do Império; na pacificação de diversas das revoltas provinciais, que colocavam em xeque o novo Estado Nacional Imperial; nas guerras em torno das questões platinas, contra Argentina e Uruguai, enquadradas na luta pela hegemonia subcontinental, dentre elas, a mais grave, a Guerra do Paraguai.

Assim, figura exponencial na sociedade brasileira do século XIX, Joaquim Marques Lisboa teria, por muitas vezes, fragmentos de sua atuação demarcados por meio de registros iconográficos. Tais imagens acerca de

Tamandaré tanto marcaram alguns dos atos contemporâneos à sua existência, quanto colaboraram na construção de identidades a seu respeito, após a sua morte. Através de um inter-relacionamento com o contexto histórico no qual se fez presente¹, de uma descrição iconográfica e de uma interpretação iconológica², bem como de uma incursão ao mundo de seus valores simbólicos, torna-se possível a análise do universo retratado pela imagem, uma vez que “o simbolismo se crava no natural e se crava no histórico” e “participa, enfim, do racional”. Dessa maneira, “o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade, estando ao mesmo tempo cheio de interstícios e de graus de liberdade”, e direta ou indiretamente reflete características do *modus vivendi* de um determinado grupo humano³.

Na qualidade de uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos, a imagem equivale a uma linguagem, ou seja, constitui um instrumento de expressão e de comunicação. Nesse sentido, a imagem, como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação, passa a ter uma função específica, refletindo o seu horizonte de

¹ GASKEL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 259.

² PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 47-49, 53-54 e 62-64.

³ CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 152-153.

expectativa e os seus diferentes tipos de contexto⁴. Desse modo, o significado das imagens está vinculado ao seu contexto social, no qual fica inserido o contexto geral, cultural e político, bem como as circunstâncias exatas nas quais a imagem foi entabulada, assim como o próprio contexto material da mesma⁵. A partir de tal perspectiva, texto e imagem podem ser interpretados a partir das tendências ideológicas de cada meio⁶.

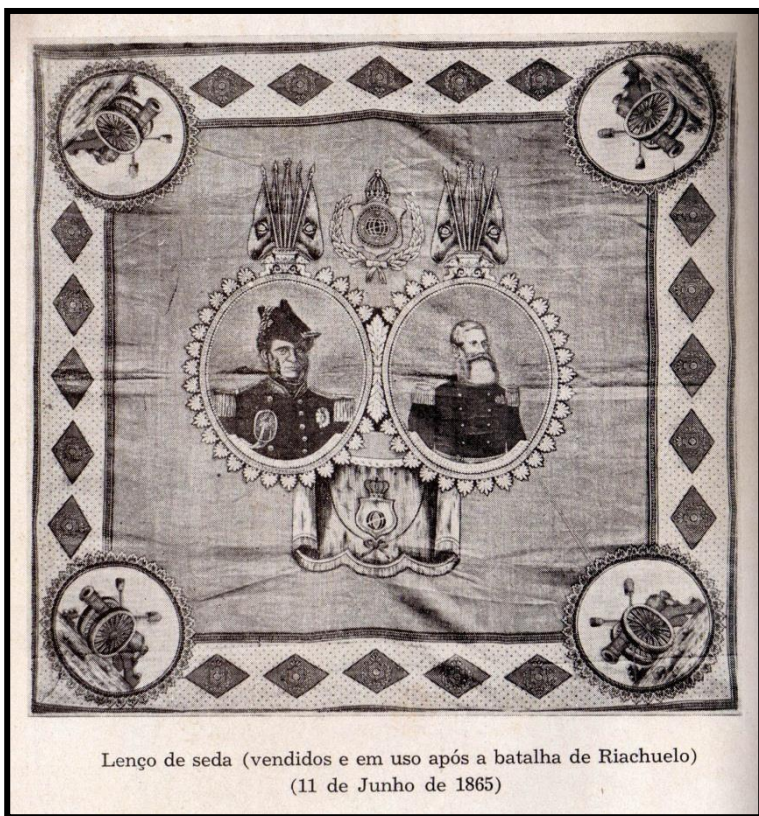
As questões platinas da década de 1860 seriam marcantes para a difusão de imagens dos participantes da guerra. O denominado esforço de guerra passava também pela divulgação dos acontecimentos e pelo destaque aos militares presentes no conflito. Esse foi o caso de Tamandaré, cuja imagem aparecia em objetos cheios de peculiaridades, como um lenço de seda alusivo à Batalha do Riachuelo, ou um baralho de cartas com referências à Guerra do Paraguai, ao lado de D. Pedro II, do Marquês de Caxias e de imagens de batalhas. Bem mais tarde, uma das imagens mais divulgadas do Patrono da Marinha, e por isso uma das mais conhecidas, o da sua figura já envelhecida, foi aquela que acompanhou muitos de seus necrológios, nos quais, ao lado de dados biográficos, de textos e símbolos religiosos, aparecia e evocação “Lembrai-vos de rezar

⁴ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 55 e 69.

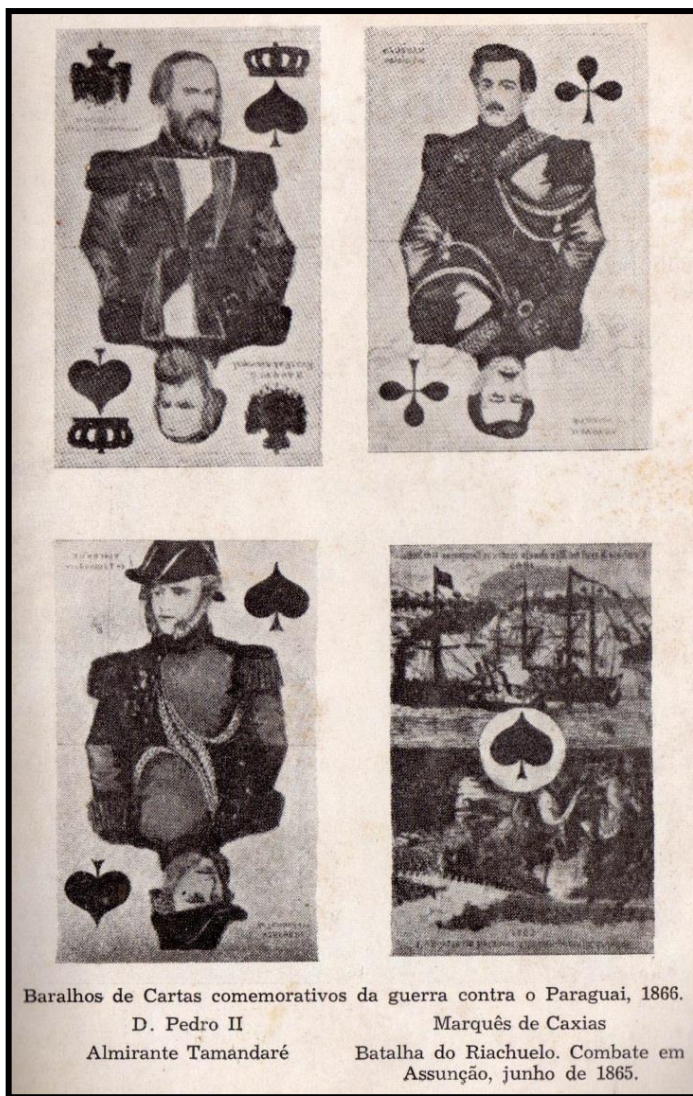
⁵ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 267.


⁶ GONZÁLES, José Antonio Moreira & ARILLO, Jesús Robledano. *O conteúdo da imagem*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2003. p. 121 e 123.

pela alma de Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, almirante da Armada Brasileira”⁷.



⁷ Imagens obtidas a partir de: BOITEUX, Henrique. *O Marquês de Tamandaré: um indígene brasileiro*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943.





Foi um varão incorruptível que jamais conheceu a injustiça.
(P. Lacordaire)

Foi homem de coração recto a quem todos amavam.
(Job)

Em sua alma reinava tranqüilla energia; em seus labios pousava a sabedoria; seu coração era todo bondade.
(Prov.)

Progreddia na vida rodeado do amor dos seus, procurado e admirado por seus amigos, respeitado por todos.
(Imitação de J. C.)

Foi forte e valente,..... Levou ao longe a gloria de sua patria.
(Mach.)

O lauro de suas virtudes viverá nos corações (Euse.); seu nome ficará illustre (I. Reis XVIII, 30) e será legado qual preciosa herança a seus filhos (Ezech., XXXIV).


Tornaremos a vê-lo, pois nossa esperança está cheia d'immortalidade.
(Sab., III, 4)

Tivemos-lhe amor durante a vida; não o esqueçamos em nossas orações depois da morte.
(Santa Andreia)

Pelejei o bom combate, terminei minha jornada, conservei a fé. Só me resta esperar a corôa de justiça.
(S. Paulo, IV)

L. Lenoir, éditeur, 5, rue de Grenelle, Paris, Spéc. de Souverain.

Senhor,
baixando
Vosso
olhar, vêde
nossa
afflicção,
nave as



orações
que em
favor
d'elle
Vos
dirigimos.
(I. Reis I, 11)

**LEMBRAI-VOS DE REZAR POR ALMA DE
JOAQUIM MARQUES LISBOA
Marquez de TAMANDARÉ,
Almirante da Armada Brasileira.**

Gentilhomem da Imperial Câmara, Adjuncto de Campo de S. M. o Imperador, Conselheiro de Guerra, Grande-Cruz effectivo da Ordem da Rosa, Gran Cruz da Ordem de S. Bento de Aviz, Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro, condecorado com a Medalha da Guerra da Independência na Bahia, e da Divisão Cooperadora da Boa Ordem, a Je Papau, e Commemorativa do rendimento da Grande Paragem que occupou a Villa da Uruguaná e a concessão ao Exercito e Armada em operações na Guerra do Paraguai; Commandante da muito nobre e antiga Ordem da Torre e Espinha do Valor, Lealdade e Merito, e Grã-Cruz da Imperial Ordem Austriaca de Francisco José,

nasceu na Cidade de Rio Grande do Sul no dia 17 de Dezembro de 1807, falleceu na par de Sector na Cidade do Rio de Janeiro a 20 de Maio de 1867.

O now a doctissimo Jesu! ex-me de joelhos, prostrado ante Vossa Divina Magestade, Peço-Vos e conjuro-Vos com todo o fervor de minha alma Vos dignéis imprimir em meus corações vivos sentimentos de fé, esperança e caridade, verdadeiro arrependimento de minhas faltas e bem assim vosso de corrigir-me; em quanto considero em mim mesmo, e contemplo em eu expirar Vossas cinco chagas com grande amor e grande dó, tendo diante dos olhos as palavras propheticas que já David punha em vossos labios, O now Jesu! TAMANDARÉ-SE-AS ALMAS E OS MILITANTES-SE TODOS OS DIAS E INDISSOLUVELMENTE, applicando-as almas do purgatorio, a todas aquellas que confitados e tendo committido, restarem está sendo diante de sua imagem de Trino crucificado, recorrendo a qualquer outra pelas salvação do Soberano Pontífice.

Convite para os funerais do Almirante Tamandaré

A imprensa ilustrada e humorística, voltada à divulgação de caricaturas constituiu um dos meios nos quais os militares envolvidos com a Guerra do Paraguai mais encontraram espaço para serem representados, como foi o caso do almirante Tamandaré. Uma dessas revistas foi a *Semana Ilustrada*, semanário publicado no Rio de Janeiro entre 1860 e 1876, o qual apresentava poesias, crônicas e contos, ao lado das caricaturas, que ocupavam metade de suas páginas. Entre seus colaboradores, estiveram alguns dos mais conhecidos

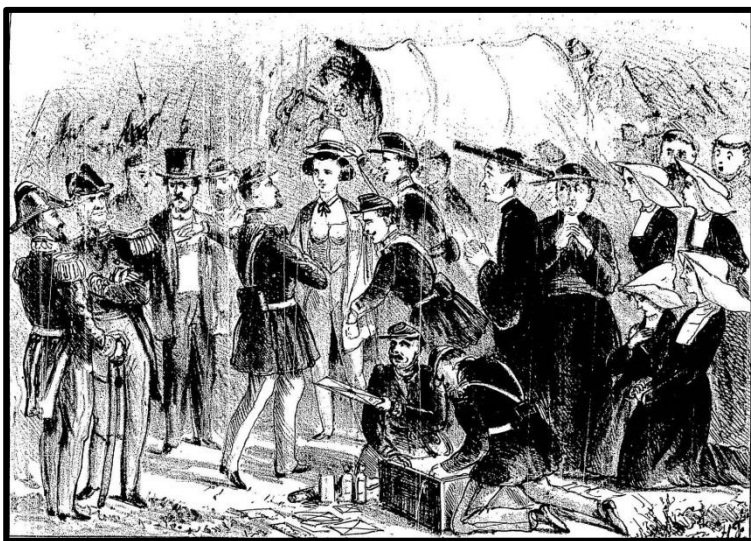
escritores e jornalistas da época⁸. Liderança da Armada brasileira, Joaquim Marques Lisboa foi presença marcante nas construções iconográficas da *Semana Ilustrada*, como demonstra uma breve amostragem, correspondente às edições do ano em que foi assinado o Tratado da Tríplice Aliança.

Um desses registros mostrava o almirante Tamandaré em tratativas com o general Venâncio Flores, uruguaio aliado do Brasil, por motivo de uma suposta missão, que se revelaria um estratagema de guerra para o transporte de correspondências⁹. Houve também uma alegoria pela tomada de Paissandu, ponto decisivo para a vitória brasileira no Uruguai apresentada pela *Semana Ilustrada*, por meio das figuras de Tamandaré e do Visconde de São Gabriel, buscando demonstrar a coesão entre as forças de mar e terra, que erguiam o pavilhão nacional, ante o derrotado inimigo. A gravura era acompanhada pelos seguintes versos: “Vitória! sobre as ruínas desta praça/ Plantemos o pendão da nossa glória./A amiga liberdade o Império abraça,/No momento solene da vitória./Era de paz em breve se alevanta/Após tanta bravura marcial;/E cobre nesta pugna grande e santa/ A mão do Império a fronte oriental”¹⁰.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.

⁹ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 15 jan. 1865.

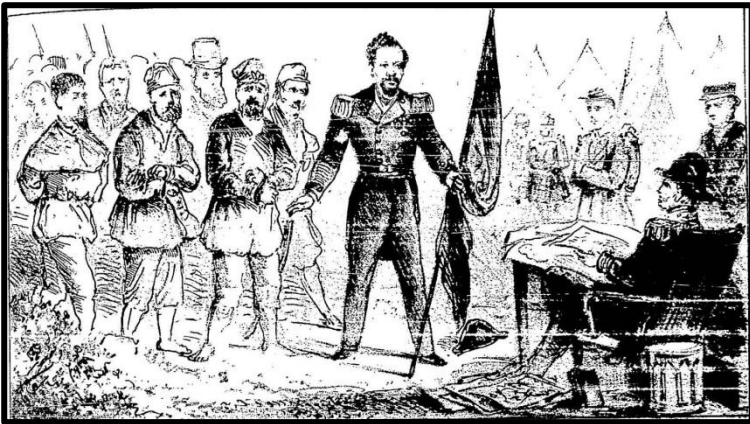
¹⁰ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 jan. 1865.





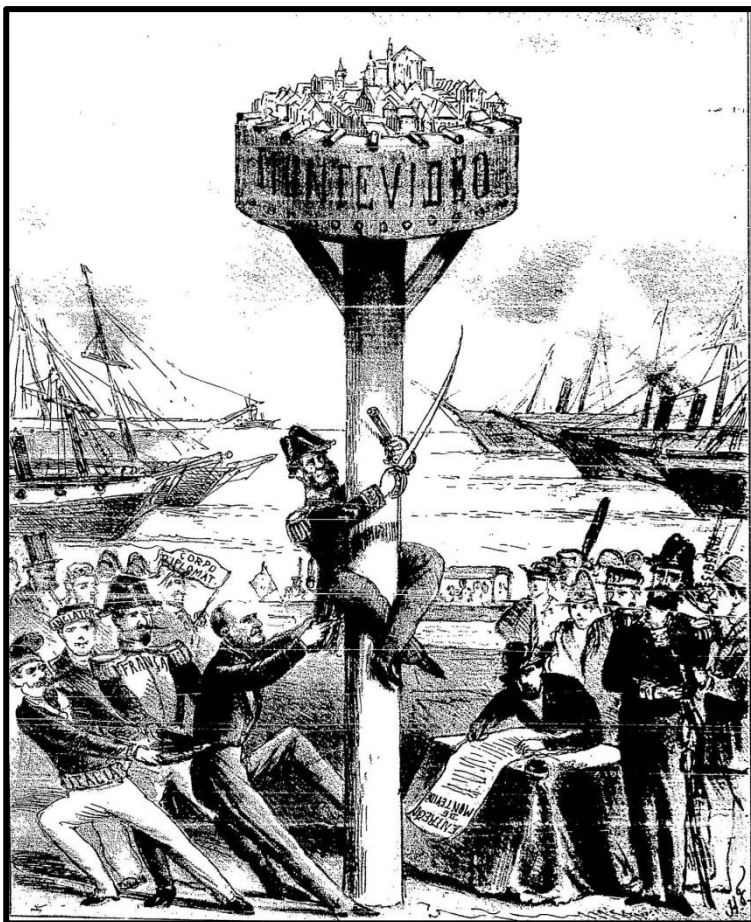
Em outra representação imagética, denominada “Episódios da campanha do Uruguai”, Tamandaré permanecia no Uruguai, onde recebia um estandarte e prisioneiros de um tenente da Armada, simbolizando a vitória brasileira. Diante da cena, o tenente afirmava:

“Eis aqui o meu tributo do combate”¹¹. De acordo com o caráter humorado das folhas caricatas, as dificuldades de Tamandaré também seriam apresentadas, caso do desenho no qual o então vice-almirante tentava conquistar Montevideú, ato simbolizando por subir numa haste, enquanto era atrapalhado por diplomatas e políticos que, inclusive, prejudicavam sua subida, puxando-o para baixo. A legenda da gravura era breve e incisiva: “Nem sempre os lírios dão flores”¹².



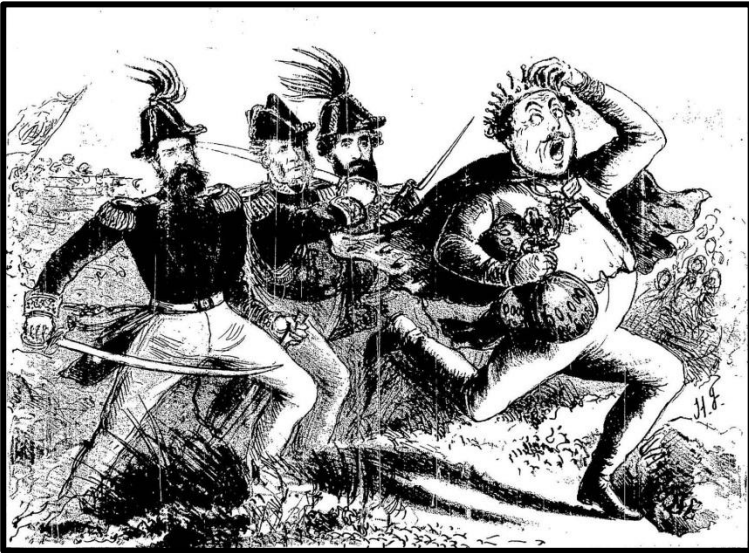
¹¹ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 19 fev. 1865.

¹² SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 19 mar. 1865.



Já em relação à campanha no próprio Paraguai, Tamandaré voltaria a ser um dos personagens em destaque, como ao ser retratado perseguindo Solano Lopez, que fugia carregando a riqueza nacional. Era uma alusão à Tríplice Aliança, com a presença, além de

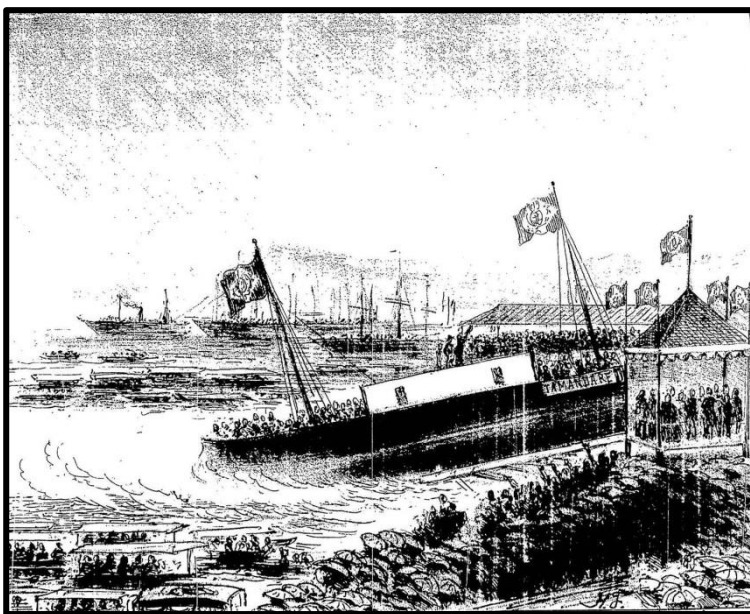
Tamandaré, do argentino Mitre e do uruguaio Flores, na caricatura intitulada “*Tres faciunt collegium* – a união faz a força” –, ao passo que aparecia como legenda: “Assim como as trevas da noite fogem aos primeiros raios do sol, assim a tirania paraguaia fugirá aos três soldados da civilização. Justo castigo da audácia, do despotismo e da ignorância. A hora da justiça chega tarde, mas chega: a providência não perdoa um minuto sequer: é preciso cair”¹³.



Ainda que não houvesse a imagem do personagem em si, a presença do almirante ficava

¹³ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 30 abr. 1865.

expressa nas páginas da *Semana Ilustrada* em outra oportunidade na qual aparecia a belonave, cujo nome era uma homenagem a Tamandaré. O militar servia assim como inspiração para a criação imagética, pois, sob o título “O encouraçado Tamandaré”, a legenda dizia: “Caiu ao mar, no dia 23 de junho, abundantemente regado pelo suor das nuvens, o primeiro dos vapores encouraçados que o Brasil está construindo. Essa data deve ser histórica. Quanto ao nome escolhido, é o do almirante invulnerável, o encouraçado Aquiles. Um viva aos dois Tamandarés”¹⁴.



¹⁴ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 2 jul. 1865.

A personalização do conflito bélico era apresentada em outra caricatura da *Semana Ilustrada*, na qual o almirante Tamandaré era o protagonista, segurando o governante paraguaio, Francisco Solano Lopez por um tufo de cabelo, ao passo que outros militares, entre eles, o brasileiro Osório, o uruguaio Flores e o argentino Mitre o faziam espernear, além da presença de outros militares, que atingiam o líder guarani com suas baionetas. O desenho tinha por título “O boneco Lopez” e trazia por legenda um tom ferino e ameaçador: “Apesar dos *protestos* e *contraprotestos* está terminada a questão de Uruguaiana, e já se começou a questão de Assunção. A comédia do cacique vai agora mudar-se em tragédia na sua própria casa, onde ele há de representar o principal papel de *boneco de engonço*, pois não passa disso”¹⁵.

¹⁵ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 out. 1865.



Também na sua província natal, o almirante Tamandaré teria protagonismo em uma edição do precursor representante da imprensa ilustrado-humorística gaúcha. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, a imprensa exerceria um papel fundamental na divulgação dos acontecimentos no cenário da guerra. Os

jornais eram o grande veículo de comunicação da época, apesar das naturais defasagens temporais entre o acontecer e o saber, frutos dos meios tecnológicos então disponíveis. Assim, ainda que atrasadas em relação ao desencadear dos fatos, as notícias sobre o teatro de operações eram avidamente esperadas pelo público leitor, ainda mais por se tratar do mais grave conflito no qual o Estado Nacional Brasileiro até aquele momento envolvera-se. Os periódicos diários, mais perenes e longevos, predominantemente noticiosos, ao menos como muitos gostavam de propalar, eram os que normalmente contavam com maior credibilidade de parte dos leitores. Mas, diante do esforço de guerra e do combate ao inimigo em comum, houve uma mobilização que perpassou por toda a imprensa, no sentido de reunir esforços para diminuir os temores e esclarecer o máximo possível a população. Nesse sentido, os jornais imbuíram-se de um espírito público de prestar informações e despertar a fé patriótica dos cidadãos brasileiros, na resistência ao adversário externo, em um processo que acabou por atingir o conjunto de praticamente todas as folhas que circulavam no país, desde os jornais diários aos representantes da pequena imprensa.

Notadamente a partir da segunda metade do século XIX, o gênero caricato passou a ganhar grande popularidade no contexto brasileiro, surgindo várias folhas caricatas no centro do país e espalhando-se através das províncias. No Rio Grande do Sul esse fenômeno não seria diferente e nas maiores cidades gaúchas foram muitos os hebdomadários dedicados à caricatura que à época floresceram. O mais antigo desses jornais no cenário rio-grandense foi *A Sentinela do Sul*,

editado na capital da província a partir de 7 de julho de 1867. Seus proprietários eram Júlio Timóteo de Araújo e Manoel Felisberto Pereira da Silva. A impressão era realizada na Litografia Imperial, de Emílio Wiedmann, enquanto as ilustrações ficavam a cargo de Inácio Weingärtner, que atuava como gravador naquela empresa. A *Sentinela* apresentava-se como jornal ilustrado, crítico e joco-sério e, com humor, lembrava que seria publicado diariamente, com exceção dos dias de semana, custando, primeiramente, 9\$000 por semestre, 16\$000 por ano e \$440 réis o número avulso, e passando, mais tarde, a 12\$000 e 14\$000 anuais, respectivamente para os assinantes da capital e de fora dela¹⁶.

Fazendo uso das marcas registradas dos semanários caricatos, quer seja, o humor e a ironia, em seu primeiro número *A Sentinela do Sul* apresentava seu norte editorial, divulgando seu programa¹⁷. Dizia a folha: “todos os jornais e todas as publicações periódicas têm o costume de apresentarem ao público” – que considerava “uma respeitável entidade que piamente vai engolindo as *araras* da imprensa e honradamente paga as suas assinaturas” – um programa, no qual “minuciosamente detalham tudo quanto pretendem, ou as mais das vezes não pretendem fazer em sua espinhosa carreira e no desempenho desta árdua mas honrosa missão que é um sacerdócio e que quase sempre conduz ao martírio”. Afirmava que não poderia “pecar pela

¹⁶ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-14 e 16.

¹⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867.

omissão deste dever”, e conquanto não fosse “muito dada a estas frases altissonantes, que constituem o característico dos tais ‘programas’”, não queria “deixar de seguir a regra geral”. Lembrava, assim, os conteúdos programáticos normalmente emitidos pelos representantes da imprensa dita séria.

Mantendo o caráter marcadamente irônico, o primeiro caricato rio-grandense anunciava que entrava “na arena” – ressaltando que este era um termo obrigatório em matéria de programa –, e que seus redatores estariam “armados de pena e de *crayon*, e dispostos a sustentar a luta contra o indiferentismo do público e com a falta de assinaturas”, os quais seriam os “dois inimigos principais que quase sempre perseguem as empresas desta ordem”. A *Sentinela* buscava assim conquistar os assinantes que sustentassem aquela proposta editorial, destacando “estar disposta a ‘maçar’ os seus leitores todos os dias, com a única exceção dos de semana e os santificados, através de oito páginas mistas, isto é, de texto e de gravuras”, nas quais abrangeria, “tanto quanto lhe fosse possível, as ocorrências da respectiva semana”.

O hebdomadário revelava ainda em seu programa que a crítica seria “naturalmente o elemento principal da publicação” a partir dali encetada, mas que seria “manejada com discernimento, e que nunca se passaria das raias da justiça e da honestidade”. Garantia que, “quando a *Sentinela* ferisse, o faria com razão e nos limites da decência, uma vez que a arma do ridículo” nunca seria empregada contra o que fosse “nobre, belo e grande”. Lembrando o contexto histórico então vivido, destacava também que “as honras, as glórias, as alegrias da Pátria” achariam “eco fiel na *Sentinela do Sul*”, que se

esforçaria para dar aos seus leitores “não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra”. O gênero ao qual se integrava não era esquecido no programa da *Sentinela*, ao destacar que a caricatura não poderia faltar, pois ela seria “o sal ático da publicação, que em tom joco-sério” diria “muitas verdades, e fiel ao antigo princípio *ridendo castigare mores*”, se esforçaria “com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania, no que elas têm de mais caro – seu amor próprio”, chamando atenção, desse modo, para uma outra das características das folhas caricatas, a de se autoproclamar moralizadoras da sociedade, visando notificar a população e orientá-la quanto aos possíveis desmandos, desvios e mazelas que porventura se fizessem presentes.

Como era uso comum dos jornais críticos, a folha orgulhava-se de ser “direta e incisiva em seus dizeres”, e apregoava que não fazia uso de rodeios, nem seguia “o estilo dos ‘programas’ de outras muitas publicações, que quase sempre” se apresentavam “macias e melífluas, para depois deitarem os manguitos de fora”. O semanário caricato afirmava que, desde logo, iria dizendo o que era e o que queria, “tendo a convicção íntima de que o favor do público constantemente” a acompanharia na senda que pretendia percorrer, uma vez que seriam “tomados por norte a razão, a justiça e o patriotismo”. Ainda que buscasse distinguir-se da imprensa dita séria, a *Sentinela* intentava também demarcar que não seria uma representante da pasquinagem, prática jornalística normalmente marcada pela linguagem chula, pelos ataques pessoais e pelo

anonimato, características que muitas folhas objetivavam descartar de suas intenções editoriais.

No que tange aos padrões gráficos, *A Sentinela do Sul* declarava que “a execução artística do periódico” seria “sempre digna de entrar em comparação com a das folhas ilustradas da Corte”, e conquanto não fosse “senão um pobre provinciano”, esperava “merecer simpatias muito além da província que lhe servia de berço natal”. Anunciava ainda que a publicação e expedição seria feita com toda a regularidade, e a redação do jornal se declarava “pronta para receber e estampar em suas colunas todos e quaisquer escritos e desenhos” que não fossem “contrários a sua tendência”. Afirmava também que tinha “por redatores diversos e, por colaboradores todos em geral” que soubessem escrever ou desenhar e quisessem “honrar a direção com a sua coadjuvação”. O próprio jornal caricato destacava seu pioneirismo, afirmando que era a “primeira folha ilustrada que saía na Província do Rio Grande”, diante do que esperava que não lhe faltaria “a proteção do público”.

A folha apresentava significativa qualidade gráfica, tendo em vista o bom trabalho como gravador, retratista e calunguista de seu ilustrador. Exemplo dessa qualidade seria o próprio cabeçalho do semanário, considerado como uma composição equilibrada e inteligente, levada a termo com segurança técnica e bom gosto real. A gravura do frontispício mostrava ao fundo uma vista panorâmica da cidade de Porto Alegre, destacando-se no primeiro plano, à direita, a figura de um índio – símbolo americano e brasileiro – e à esquerda, em referência à Guerra do Paraguai, um acampamento militar, a cuja frente aparecia um gaúcho

a cavalo, em trajes típicos que se tornariam tradicionais, completando a alegoria, além de outros elementos decorativos, uma cartela, ao centro, em que se inscrevia o lema *Audacem fortuna juvat* e ao alto, em letras de caprichoso corte, o título da publicação¹⁸.



Havia no norte editorial da publicação um certo caráter ameno do espírito crítico, característica pouco comum aos jornais do gênero de então. Nesse sentido, ao invés do dito ferino e da galhofa demolidora, ela distinguia-se da quase totalidade da imprensa rio-grandense, cujo timbre consistia na irreverência. Assim, as penas desabusadas e contundentes não chegaram a brilhar nas colunas da *Sentinela*, sendo até rechaçadas com energia e indignação, uma vez que o jornal, ainda que se rotulasse de crítico e jocoso, era também sério. O redator da folha, muitas vezes representado nas páginas

¹⁸ FERREIRA, p. 17.

do semanário, com sua cartola e quase sempre acompanhado de seu auxiliar, o “Piá”, assumia os ares aconselhados pela decência, não dando granja ao moleque, a quem apenas permitia perguntas discretas. Séria e/ou humorística, *A Sentinela do Sul* abria espaço para um gênero que ganharia repercussão no Rio Grande do Sul do século XIX, mas, mantendo o caráter muitas vezes pouco longo desse tipo de publicação, já passava por dificuldades em agosto de 1868, vindo a desaparecer em janeiro do ano seguinte¹⁹.

Tendo em vista a época em que circulou, coincidente com o desenrolar da Guerra do Paraguai, *A Sentinela do Sul* foi fiel a seu princípio de esforçar-se para “dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra”. Nesse sentido, dedicou um grande número de textos e gravuras relatando o assunto do momento. Foram muitas as cenas de batalhas, retratos e mapas estampados em suas folhas, bem como as colunas normalmente dedicadas a apontar aspectos biográficos dos atores do cenário bélico de então. Um dos personagens retratados foi o próprio almirante Tamandaré. A homenagem prestada pelo jornal caricato gaúcho em sua página de honra a Tamandaré refletia um dos difíceis momentos de sua carreira militar, quando ele, por questões de saúde e também por certas divergências com o comando geral das forças da Tríplice Aliança, mormente com o presidente argentino, pedira e tivera aceito o seu pedido de licenciamento. Na época, a guerra trazia fortes manifestações de contrariedade, muitas vezes

¹⁹ FERREIRA, p. 19 e 26-27.

extravasadas através da imprensa, principalmente quanto à sua duração. Além disso, as políticas conciliatórias começavam a sofrer com fissuras que levariam ao agravamento das disputas entre os políticos dos partidos imperiais, que, ao se digladiarem, atacavam-se não só mutuamente como também aos personagens do conflito bélico, fenômeno do qual não escaparia nem o próprio almirante.

Alguns dos estudiosos da guerra se refeririam a toda ordem de dificuldades enfrentadas pelo Brasil nessa época, destacando que eram aqueles momentos decisivos à entrada do território do Paraguai, a partir de movimentos estrategicamente entabulados por Solano Lopez, de modo que desses passos adviria o futuro do confronto²⁰. Nesse contexto, as próprias autoridades brasileiras revelavam as dificuldades em atender as solicitações do então vice-almirante por ocasião dos preparativos em torno do que denominaram a “emergência com o Paraguai”²¹. Dessa forma, além de não estar o país suficientemente preparado para aquele específico enfrentamento bélico, muitas vezes os governantes estendiam-se nas disputas partidárias²², em detrimento do próprio esforço de guerra. Somavam-se a

²⁰ PAIO, Rangel de S. *Combate Naval de Riachuelo: história e arte*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. p. 16.

²¹ COSTA, Didio Iratim Afonso da. Almirante Tamandaré – treze cartas do Ministro de Negócios Estrangeiros, João Pedro Dias Vieira, 1864-1865. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, Ano LXIX, n. 7-8-9, p. 742, 1950.

²² BITTENCOURT, Armando de Senna. Visitando Riachuelo e revendo controvérsias, 132 anos depois. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, v. 117, n. 7-9, p. 54, 1997.

isso os constantes desacordos entre as lideranças da Tríplice Aliança, mormente entre os chefes militares brasileiros e o presidente argentino Mitre, que chegou a ser acusado de pretender enfraquecer a Marinha Imperial, prevendo futuros conflitos em que estivesse em jogo a hegemonia subcontinental²³. Assim, ao longo de mais de dois anos ficou evidenciado que o Brasil não se achava preparado para afrontar e vencer os enormes obstáculos naturais e artificiais que Lopez havia habilmente disseminado no Rio Paraguai. Dessa maneira, apenas depois que foram incorporados à esquadra os navios encouraçados e os três monitores, foi que a Marinha começou a sentir-se com forças capazes de superar as obras de fortificação que se seguiam, formando um sistema defensivo considerado como admirável²⁴.

Os biógrafos destacariam ainda alguns detalhes sobre esse momento da vida de Tamandaré. Segundo um deles, as operações sob o comando de Marques Lisboa traziam como resultante a marcha impávida e segura para a vitória, mas, diante do seu pedido, foi concedida exoneração do comando da esquadra em operações no Paraguai, vindo a ser louvado pelo

²³ MARTINS, Helio Leoncio. A estratégia naval brasileira da Guerra do Paraguai (com algumas observações sobre ações táticas e o apoio logístico). *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, v. 117, n. 7-9. p. 71, 1997.

²⁴ TAVARES, Raul. *A Marinha Brasileira na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1921. p. 30.

Governo Imperial pelos bons serviços prestados²⁵. Já outro explicaria que o almirante indispusera-se de tal forma com general-em-chefe, o argentino Mitre, e criara a partir daquilo que foi considerado como atitudes decididas e franqueza, tão grande número de inimigos que lhe fora impossível continuar na campanha. De acordo com tal versão, Tamandaré não teria vínculos partidários, o que também lhe teria custado muitas maledicências notadamente de parte do meio político²⁶.

Nesse mesmo sentido, outro de seus biógrafos ressaltaria que Tamandaré, naquele momento, deixava, a partir de valores a ele atribuídos, como talento, providência, valor, abnegação e patriotismo, a esquadra brasileira aureolada e respeitada pelo valor e audácia tantas vezes provada durante o seu comando²⁷, e que, se o almirante errara politicamente como seus inimigos quiseram assoalhar, o teria feito a partir dos interesses pátrios, uma vez que não estaria em seu poder anular fatores que a política partidária introduzia nos complexos problemas que o país tinha de resolver na América do Sul²⁸. Ainda sobre aqueles acontecimentos imediatos, outro escritor afiançava que, depois de gigantescos esforços e da extrema dedicação com que se entregara ao serviço da pátria, seria imperiosa a necessidade do regresso de Tamandaré ao seu lar, a fim

²⁵ COSTA, Dídio. *Tamandaré – Almirante Joaquim Marques Lisboa*. Rio de Janeiro: Alba Livraria, 1942. p. 90-91.

²⁶ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré, o Nelson brasileiro*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1956. p. 240.

²⁷ BOITEUX, Henrique. *Os nossos almirantes*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1921. v. 4. p. 119.

²⁸ BOITEUX, 1943. p. 517.

de repousar das fadigas da guerra e refazer suas energias no seio familiar²⁹. E mais um dos biógrafos do militar, por sua vez, insistiria nos desgostos do almirante diante dos insucessos bélicos causados pelos desmandos principalmente de Bartolomeu Mitre, qualificando-os como profunda mágoa, a qual teria por significado, para Tamandaré o término de sua atuação durante dois anos e quatro meses no teatro da guerra³⁰.

²⁹ VILLAR, Frederico. *Almirante Joaquim Marques Lisboa – Patrono da Marinha Nacional*. Rio de Janeiro: [s. l.], 1950. p. 294.

³⁰ LIMA, José Francisco de. *Marquês de Tamandaré – Patrono da Marinha (seu perfil histórico)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. p. 544-545. No parlamento, o Visconde de Ouro Preto discursaria por ocasião dos comentários quanto à atuação de Marques Lisboa: “O sr. Visconde de Tamandaré não foi demitido, mas a instâncias suas e por motivos, que lhe são honrosos, dispensado da comissão, que lhe fora confiada; e a sua promoção ao primeiro posto da Armada foi a recompensa dos importantes serviços que prestou ao país, durante todo o tempo que comandou a esquadra. É inexato que o governo desaprovasse o seu procedimento; ao contrário, o governo entende que o bravo Almirante esteve sempre à altura dos acontecimentos, e fez tudo quanto podia fazer, a bem do seu país. É cedo ainda para apreciar-se os atos do sr. Visconde de Tamandaré; é cedo ainda principalmente para que um ministro possa julgá-lo desta cadeira, mas a história há de fazer justiça ao comandante da esquadra brasileira na Guerra do Paraguai, e então reconhecer-se-á que naquilo mesmo que mais o acusam, S. Ex. soube mostrar-se general consumado e brasileiro animado do mais ardente patriotismo” (CELSO, Affonso, Visconde de Ouro Preto. *A Esquadra e a oposição parlamentar*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia Francesa, 1868. p. 45-46).

Nesse contexto, *A Sentinela do Sul* dedicava as homenagens da sua edição de 12 de janeiro de 1868³¹ ao “Visconde de Tamandaré”. Em primeiro lugar, a folha ressaltava o difícil momento vivido pelo país tendo em vista o enfrentamento bélico que já se arrastava longamente, além disso já deixava evidenciado o espírito patriótico na defesa da causa brasileira na guerra contra o que considerava o “despotismo do governo paraguaio”. Conforme o periódico, o Brasil atravessava um grande período da sua história, pois a luta que sustentava “esta pacífica e briosa nação”, provocada pelo “ambicioso déspota” que oprimia “ainda para vergonha da civilização do século, o mísero povo do Paraguai”, alcançara “proporções nunca previstas pelo nobre e heroico povo brasileiro”.

Tendo em vista o prolongamento do confronto bélico, o jornal já reproduzia a insatisfação causada por esse fenômeno, argumentando que a guerra que ainda continuava “com tantos sacrifícios” já se dividia “em duas fases muito distintas”: uma seria a que representava “as aspirações enebriantes das vitórias de envolta com o patriotismo em delírio da nação inteira”, já “a outra, caracterizada pela fria e dolorosa impaciência pela continuação da luta”. Buscava esclarecer a folha que já caíra “nos domínios do passado e da história o período glorioso em que o Brasil” representara “perante o mundo o espetáculo grandioso de um povo livre, proclamando a guerra como um princípio ante as eternas leis da dignidade e soberania dos povos”.

³¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 12 jan. 1868.

Sobre o que considerava a primeira fase do confronto e chamando atenção para o “voluntariado” dos soldados brasileiros, o hebdomadário destacava que “a introdução da guerra então sustentada” fora “saudada pela nação inteira em torrentes de jubiloso entusiasmo, formando-se um exército de paisanos” que se organizara e se agrupara “em torno do estandarte nacional, representando o voto e a força popular na sua mais bela e estrondosa manifestação”. Segundo o jornal, “em seus primeiros tempos, a guerra era um princípio, cada soldado tinha diante de seus olhos a imagem da Pátria ofendida e ultrajada, e no fundo do coração a aspiração da vingança e da desafronta nacional”, vindo a formar-se então “legiões de guerreiros, as quais não teriam seguido impelidas pelo sentimento belicoso, nem pelo entusiasmo que despertavam os generais de gloriosas tradições, e sim”, organizara-se “como exército de voluntários, oriundo da vontade nacional, num feito que a justiça histórica haveria de ressaltar ao povo brasileiro”.

Ainda que considerasse que uma geração não poderia escrever a sua história, tarefa que competiria “à posteridade a quem cumpriria colocar ao lado dos fatos, dos acontecimentos e das gerações a obra da severidade”, *A Sentinela do Sul*, confirmando “a fidelidade ao seu programa e a suas tradições”, oferecia “aos seus leitores naquele número o retrato do almirante Visconde de Tamandaré”. Uma das grandes lástimas manifestadas pela folha era a falta de dados biográficos do personagem, o que teria retardado a publicação da biografia “do bravo brasileiro”; esclarecia que o trabalho ressentia-se desta falta, porque não se conseguira obter

os esclarecimentos que guiariam “no esboço da vida militar deste valente brasileiro”.

Lembrando a “tradição guerreira” sul-rio-grandense, *A Sentinela* destacava que Tamandaré nascera “nesta província”, a qual tinha sido “berço das glórias militares que ilustravam os fastos guerreiros do Brasil”. Afirmava a folha que, “sem dados para apreciar as épocas mais notáveis deste ilustre rio-grandense”, não poderia rememorar “todos os gloriosos episódios que tornaram este chefe da Marinha Brasileira o tipo do valor e a garantia da vitória nos combates que assistiu, quer comandado, quer comandando”. Lamentava o periódico que o longo período de paz por que passara a nação provocara “o esquecimento das tradições guerreiras, dos nomes e dos vultos que nela figuraram com celebridade”. O semanário lembrava da participação do almirante no confronto em terras uruguaias, destacando que Tamandaré, “na gloriosa jornada de Paissandu, pela bravura com que se portou e pelo brilhante papel que desempenhou como militar e chefe da Marinha de um país civilizado”, tornou-se “o ídolo da nação, e mais segura garantia do triunfo da causa nacional”. E exortava: “O Exército, a Marinha, o governo, a imprensa, o povo exclamavam – ‘o Visconde de Tamandaré’ é a vitória”³².

A Sentinela do Sul buscava demarcar que os feitos de Tamandaré não se restringiam ao quadro nacional, extrapolando as fronteiras brasileiras. Nesse sentido, afirmava que não ficara em seu país “a fama do seu nome, pois o eco de suas façanhas” acabaria por repercutir “na imprensa de todos os países civilizados”,

³² *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 225.

recordando um dos mais importantes órgãos da imprensa da Corte, segundo o qual “permanecer ao lado do almirante era o mesmo que seguir o caminho da vitória”. Chamava atenção para o número de vezes em que Tamandaré fora denominado “junto à imprensa de dentro e de fora do país como o Nelson, o marinheiro rival de Farragut, e o invencível lobo do mar”. Mais uma vez recordando a campanha no Uruguai, o jornal destacava que, “em Paissandu, rutilou a estrela fulgurante do almirante vencedor, a fama do seu nome o fez estremecido do país inteiro”, de modo que “as distinções do governo e as que mais glorificavam, as do povo, elevaram seu nome ao cenáculo de sua Pátria”³³.

Mas *A Sentinela* lembrava também os dissabores vivenciados pelo almirante, destacando uma suposta destituição de seu cargo, criando confusão em relação ao pedido de licença que partira do próprio militar. Explicava que era “o nobre Visconde de Tamandaré o mais eloquente exemplo das vicissitudes das coisas humanas”, uma vez que, “em um dia sobe ao Capitólio ao som das inebriantes hosanas de um povo em desvario, iluminado pela luz irradiante de suas glórias, enquanto que, no outro, o povo sombrio e indiferente” contemplava “a destituição do bravo marinheiro”. E complementava: “em um dia os raios da glória” que se projetavam “sobre os campos de sangue das pelejas” se refratavam e iam “refletir sobre a fronte laureada do almirante vencedor”, enquanto “no outro, a pálida luz do sol dos combates” se irradiava; “o feixe luminoso” se

³³ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 225.

concentrava em um único ponto, que era o Exército Brasileiro³⁴.

A folha caricata refletia em suas páginas alguns dos desacertos então reinantes nas direções entabuladas para os destinos da guerra, notadamente a partir das desinteligências entre os militares brasileiros e os argentinos, fator do qual, segundo vários escritores, adviria a falta de ação da Tríplice Aliança no teatro de operações. Revelando o desencontro de informações, o periódico porto-alegrense dizia que “a inação da esquadra” estaria sendo atribuída “à má direção do seu valente chefe”, num quadro em que “a grita levantada pelas colunas dos jornais do Prata” invadia o país, “muitos fazendo eco, outros calando-se pelo espírito da nacionalidade, poucos confiando, e todos desesperando-se por ver uma glória nacional”, que significava “a força e o brilho da Armada do Brasil, arrastada insultosamente pelas colunas dos jornais estrangeiros”. Desmentindo essa interpretação, em favor do almirante, o jornal dizia que, “apesar da saída de Tamandaré”, a esquadra permanecera em seus postos, “os seus canhões não lançaram por terra as torres e muralhas de Humaitá nem abriram caminho às portas de Assunção”; em outras palavras, permanecia “a inação”³⁵.

Ainda que fizesse a defesa do almirante Tamandaré, *A Sentinela do Sul* buscava manter uma posição de neutralidade diante das ferrenhas discussões que então granjeavam considerável espaço nos gabinetes, no parlamento e na imprensa. Segundo a folha, não cabia aos limites daquela breve notícia

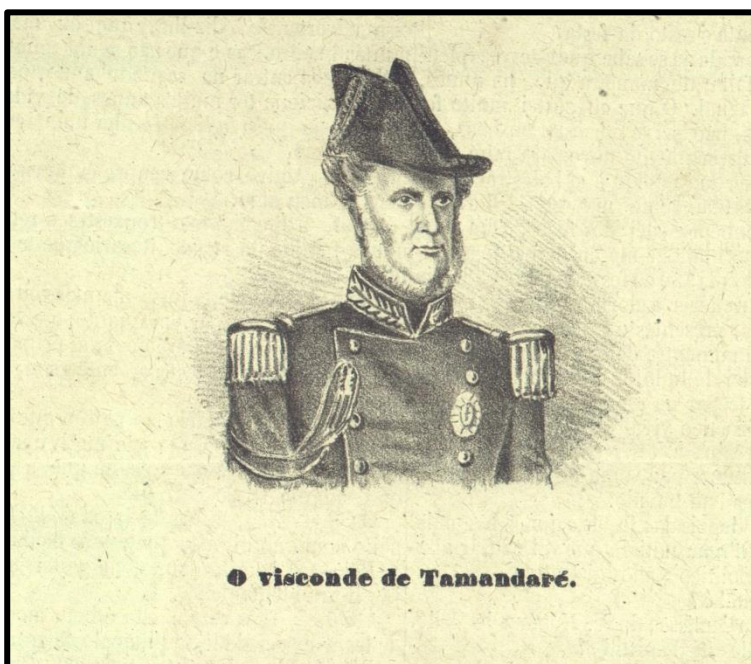
³⁴ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 225.

³⁵ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 225.

“estudar os fatos e arguições feitas à esquadra”, o que viria a ser “trabalho grave” que exigiria “tempo e espaço para ser escrito”. Optava o hebdomadário por esperar que as últimas cinzas se apagassem naquele cenário em que a guerra não era travada apenas por meio de armas, mas também da palavra, de modo que “a própria história viria a julgar os participantes do conflito bélico”³⁶. Assim, ao dedicar sua página de honra ao

³⁶ *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 225-226. No sentido da análise das discussões então entabuladas e, mesmo que indiretamente, defendendo a figura de Tamandaré, *A Sentinela do Sul* fazia uma analogia com a narrativa de um fragmento da ação de um outro militar: “Na história dos guerreiros aparecem certos períodos lúgubres que não valem para eles todas as epopéias de suas glórias. Na última batalha naval que se feriu nas costas da Europa em Lissa, o senador Persano, que representava as tradições do valor da esquadra italiana, o popular e famoso almirante é vencido, e vê os vasos de guerra que comandava serem perseguidos pelos vasos austríacos que vencem a batalha. A nação inteira se levanta contra o infeliz almirante, o senado se constitui em conselho de guerra, e a sentença sinistra de perder a farda vai ferir de morte o desventurado marinheiro. Persano não resistiu à vergonha e à humilhação, procura os ares pátrios e apenas pisa a terra do seu nascimento, é arrebatado pela morte que repentinamente o livra do pesado fardo da vida. Passou a impressão de momento, explica-se a causa da derrota e o próprio almirante austríaco declara que Persano não podia vencer, confirmando o que já havia jurado antes perante o senado italiano. Quando um dia a homenagem ou o estigma da história formar as páginas que os acontecimentos escrevem na atualidade, é que será pronunciado o juízo final sobre o almirante brasileiro que comandou a esquadra nas águas do Paraguai. Qualquer que seja o veredicto que lavrar a história,

“Visconde de Tamandaré”, ainda que chamando atenção para os debates de então, *A Sentinela* seguia a senda da imprensa brasileira no sentido de esclarecer e convencer a opinião pública nacional quanto aos destinos da guerra.



não há de destruir a frase do grande Mirabeau: do Capitólio à rocha Tarpeia apenas dista um passo. A frase do famoso orador é a sorte dos grandes homens”.

O visconde de Tamandaré.

O Brasil atravessa um grande periodo da sua historia.

A lucta que sustenta esta pacifica briosa Nação, e que foi provocada pelo ambicioso despota que opprime ainda para vergonha da civilisação do seculo, o misero povo Paraguay, alcançou proporções nunca previstas pelo nobre e heroico povo brasileiro.

A guerra que ainda continúa com tantos sacrificios já se divide em duas phrases muito distinctas que representão as aspirações enebriantes das victorias de envolta como o patriotismo em delirio da Nação inteira, e a fria e dolorosa impaciencia pela continuação da lucta.

Já cahio nos nominios do passado e da historia esse periodo glorioso em que o Brasil representou perante o mundo o espectaculo grandioso de um povo livre proclamando a guerra como um principio ante as eternas leis da dignidade e soberania dos povos.

A introdução da guerra que sustentamos, foi saudada pela Nação inteira em torrentes de jubilo enthusiasmo.

Esse exercito de paisanos que se organisou, e que se grupou em torno do estandarte nacional, representava o voto e a força popular na sua mais bella e estrondosa manifestação: a guerra era um principio, cada soldado tinha diante de seus olhos a imagem da patria offendida e ultrajada, e no fundo do coração a aspiração da vingança e da desaffronta nacional.

Essas legiões de guerreiros não scgürão impelidas pelo sentimento bellicoso, nem pelo entusiasmo que despertou os generaes de gloriosas tradições.

O exercito de voluntarios organisou-se pela vontade nacional: esta justiça a historia ha de fazer ao povo brasileiro.

Uma geração não pôde escrever a sua historia; esta tarefa compete á posteridade a quem eum pre collocar ao lado dos factos, dos acontecimentos, e das gerações a obra da severidade.

A *Sentinella do Sul*, fiel ao seu programma e ás suas tradições, offerece aos seus leitores no numero de hoje o retrato do almirante visconde de Tamandaré.

A falta de dados biographicos retardou a publicação da biographia do bravo brasileiro.

O nosso trabalho resente-se desta falta, por que não conseguimos obter os es esclarecimentos que nos guiarão no esboço da vida militar deste valente marinheiro.

O visconde de Tamandaré nasceo nesta provincia que tem sido berço das glorias militares que illustrão os fastos guerreiros do Brasil.

Sem dados para apreciar as épocas mais notaveis deste illustre rio-grandense, não podemos rememorar todos os gloriosos episodios, que tornarão este chefe da marinha brasileira o typo do valor e a garantia da victoria nos combates que assistio, quer commandado, quer commandando.

O longo periodo de paz que atravessou este paiz fez esquecer nas tradições guerreiras, os nomes e os vultos dos que nellas figurarão com celebridade.

O visconde de Tamandaré na gloriosa jornada de Paysandú pela bravura com que se portou, e pelo brilhante papel que desempenhou como militar e chefe da marinha de um paiz civilisado, tornou-se o idolo da nação, e mais segura garantia da triumpho da causa nacional.

O exercito, a marinha, o governo, a imprensa, o povo exclamavão—o visconde de Tamandaré é a victoria.

Não ficou em seu paiz a fama do seu nome, o echo das suas façanhas foi repercutir na imprensa de todos os paizes civilisados.

Recordamos ainda que em um dos mais importantes órgãos da imprensa da cõrte, lemos a seguinte phrase:— O visconde de Tamandaré pôde dizer como Bearnex:— *onde acistares o meu penacho branco podeis seguir, e o caminho da victoria*

Quantas vezes o vimos denominar na imprensa de dentro e de fora do paiz o Nelson, o marinheiro rival de Farragut, e invensivel lobo do mar?

Em Paysandú rutilou a estrella fulgurante do almirante vencedor, a fama do seu nome o fez estremecido do paiz inteiro; as distincções do governo, e as que mais glorificão as do povo, elevarão seu nome ao senaculo de sua patria.

E' o nobre visconde de Tamandaré o mais eloquente exemplo das vicissitudes das cousas humanas; em um dia sóbe ao capitulo ao som dos enebriantes hosannas de um povo em desvario illuminado pela luz irradiante de suas glorias, no outro é atráido a rocha Tarpeia e o povo sombrio

Bem mais adiante, muitos anos após a morte de Joaquim Marques Lisboa, permaneceu um processo de construções imagéticas acerca do personagem, notadamente no sentido de sua glorificação, uma vez

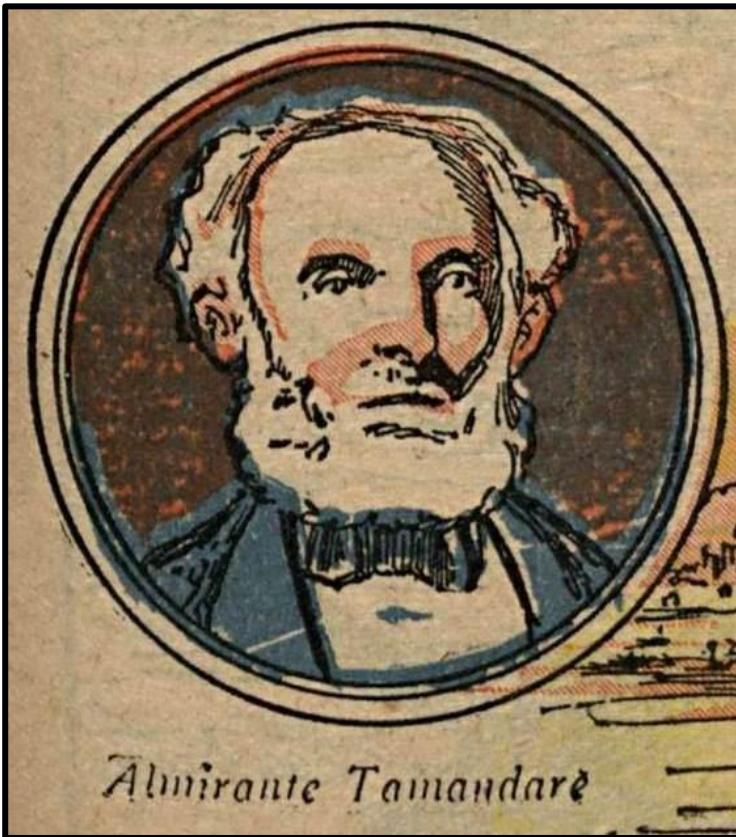
que o mesmo seria erguido ao panteão dos denominados heróis nacionais, e, portanto, supostos exemplos de conduta cívica e moral que deveriam servir para orientar as gerações futuras. Assim, a presença do almirante Tamandaré vinha ao encontro de um processo de edificação de personagens que seriam recorrentemente revificados junto à memória coletiva. Tal ação foi bastante comum em publicações voltadas ao público infanto-juvenil.

Uma dessas edições foi *O Tico-Tico*, editado no Rio de Janeiro e que circulou entre 1905 e 1961. Apresentava-se como “Jornal das crianças” e significou um marco na vida editorial do Brasil, surgindo com o propósito de divertir e educar o público infantil. A revista apresentava histórias em quadrinhos completas, revelando a trajetória de diversos personagens que se tornaram populares entre os leitores. O uso da impressão colorida foi uma novidade fundamental para o seu sucesso, além da presença de artistas de talento que deixaram suas marcas ao longo da existência do periódico³⁷.

A figura de Tamandaré se fez presente em algumas edições de *O Tico-Tico*, como foi o caso da matéria intitulada “Nossas lutas no Prata”, a qual trazia algumas efígies de personagens envolvidos em tais questões, dentre eles, o próprio almirante. A coluna se referia à intervenção brasileira no Uruguai, com a derrubada do governante Aguirre, e a ascensão de Flores, favorável ao Brasil, o qual garantiria a participação de seu país na Tríplice Aliança. A revista

³⁷ AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005. p. 61.

tratava de um episódio que seria decisivo para o desencadear da Guerra do Paraguai e o papel de Joaquim Marques Lisboa era destacado como o comandante da força naval do Império durante a campanha no Uruguai³⁸.



(detalhe)

³⁸ O TICO-TICO. Rio de Janeiro, 27 fev. 1929.



Presidente Aguirre



Cons. José Antonio Saraiva



General Venancio Flores

HISTÓRIA DE NOSSA PÁTRIA

NOSSAS LUTAS NO PRATA

Em 1864 governava o Uruguai o general Aguirre que, pertencendo ao partido *blanco*, tornara-se inimigo do Brasil, pois que este havia combatido na guerra contra Oribe, conforme vimos no capítulo anterior.

Recomeçaram então novamente as agressões aos brasileiros residentes no Uruguai, e como Aguirre não attendesse ás reclamações feitas pelo governo do Brasil, mandou este para o Rio da Prata, em missão especial, o conselheiro José Antonio Saraiva, fazendo em seguida augmentar naquella região a nossa força naval, cujo commando foi entregue ao almirante Joaquim Marques Lisboa, mais tarde marquez d'Ambaré.

Como continuasse Aguirre a não ligar importância ás nossas reclamações, máo grado a amizosa intervenção do ministro inglez Edward Thornton e do ministro argentino D. Rufino de

Elizalde, resolveu o conselheiro Saraiva, no dia 5 de Agosto de 1864, entregar ao Ministro das Relações Exteriores, D. Juan José de Herrera, um *ultimatum*, datado da vespera e no qual o governo brasileiro dava ao oriental o prazo de 6 dias para declarar se estava este disposto ou não a dar as satisfações pedidas por aquelle.

Aguirre devolveu o *ultimatum*, lembrando que melhor seria resolver a questão por arbitramento.

Não aceitou, porém, o conselheiro Saraiva a proposta de Aguirre, razão por que este appellou para Solano Lopez, dictador do Paraguay, que se poz ao seu lado, sendo então queimados na praça publica os tratados anteriormente assignados com o Brasil.

Tal desconsideração merecia uma medida enérgica de nossa parte.

Alliou-se o Brasil com o general Venancio Flores, então chefe do partido dos *colorados* e que pretendia apaeir do poder o presidente Aguirre, prometendo-nos espontaneamente que, vencedor, receberia o Brasil condigna reparação.

As forças brasileiras, sob o commando do general João Propício Menna Barreto, alliadas ás

do general Flores, tomaram as villas de Mello e Salto e depois Paysandú, que após 52 horas de combate capitulou, no dia 2 de Janeiro de 1865, entregando-se o seu commandante coronel Leandro Gomes com 700 homens e 10 bocas de fogo.

Marcharam em seguida as nossas forças contra Montevideo, que foi sitiada por terra, enquanto a esquadra brasileira, sob o commando do almirante Tamandaré, a bloqueava por mar.

Por essa época abandonou Aguirre o poder, entregando-o ao Dr. Thomaz Villalba, presidente do Senado, que no dia 20 de Fevereiro de 1865, assignou a rendição de Montevideo, ás tropas brasileiras.

Venancio Flores foi então collocado no poder, assumindo o governo tres dias depois e immediatamente cumpriu o que havia prometido, isto é, deu uma especial satisfação ao Brasil, fazendo com que a nossa bandeira, que havia sido arrastada pelas ruas no governo de Aguirre, até pelo seu proprio Ministro da Guerra, fosse agora içada no forte de São José e saudada com uma salva de 21 tiros. Mais ainda: declarou nulos todos os decretos de Aguirre, contra o Brasil.

(Desenho de Cicero Valladares)

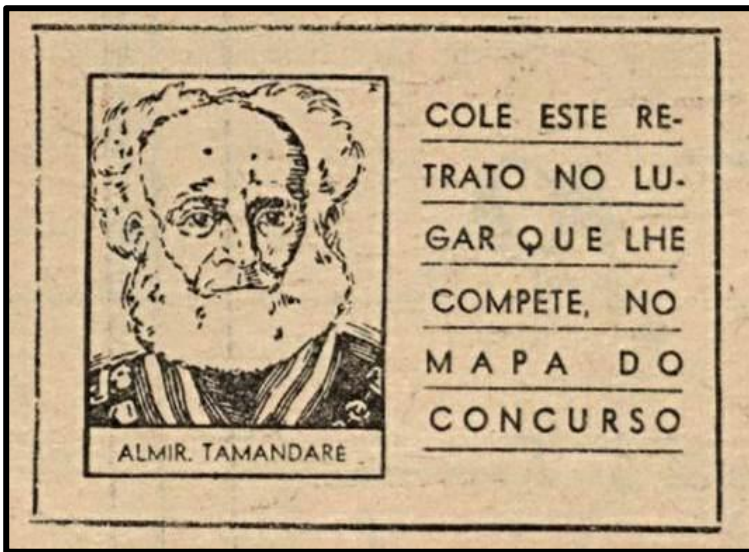


Almirante Tamandaré

Ataque a Paysandú



A realização de concursos foi uma prática comum de *O Tico-Tico*, no sentido de mobilizar o seu público infantil. Para tanto foram utilizados os denominados “vultos” da formação histórica brasileira, como foi o caso do “Concurso ‘Grandes vultos do Brasil’”, no qual os leitores colecionavam figurinhas com a efígie dos personagens em questão, como foi o caso do almirante Tamandaré³⁹.



Mais adiante, na seção “Gavetinha do saber”, ao lado de outros personagens históricos, curiosidades e notas sobre conhecimentos científicos, foi publicado o

³⁹ O TICO-TICO. Rio de Janeiro, 3 jan. 1940.

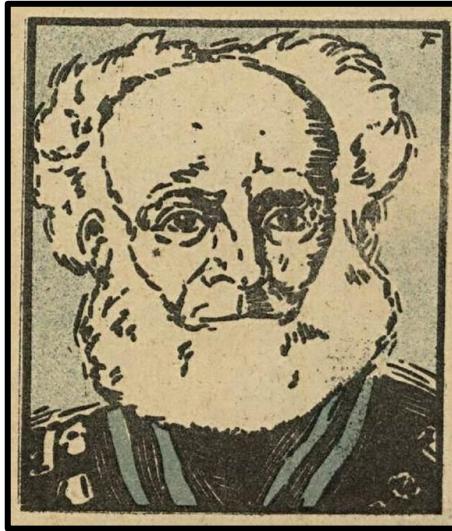
retrato do almirante Tamandaré, acompanhado da descrição de que ele teria sido “um dos heroicos defensores do solo brasileiro na campanha com os soldados do ditador paraguaio Solano Lopez”⁴⁰.



Em outra seção, denominada “Brasileiros notáveis”, com a redação do escritor, poeta, jornalista e biógrafo Américo Palha, *O Tico-Tico* publicou a matéria intitulada “Tamandaré”, a qual mantinha um caráter

⁴⁰ O TICO-TICO. Rio de Janeiro, abr. 1942.

laudatório e de cunho biográfico. Era destacado que o personagem em questão havia sido “elevado às honras de Patrono da Marinha brasileira”, sendo considerado como “um símbolo glorioso das virtudes cívicas do marinheiro da nossa pátria”. Sua carreira militar era narrada em detalhes e, em conclusão, era afiançado que “o culto que a Marinha brasileira vota à memória de Tamandaré não é somente um culto de classe”, pois “exprime em toda a sua amplitude o respeito de todos os brasileiros, que sempre nele admiraram as mais insignes virtudes que um cidadão pode ostentar”, de maneira que, “Tamandaré vive e continuará a viver nas páginas da História do Brasil”⁴¹.



(detalhe)

⁴¹ O TICO-TICO. Rio de Janeiro, nov. 1958.

BRASILEIROS NOTÁVEIS

AMÉRICO PALHA

TAMANDARÉ

JOAQUIM Marques Lisboa — almirante e marquês de Tamandaré — elevado às honras de patrono da Marinha brasileira, é, sem dúvida, um símbolo glorioso das virtudes cívicas do marinheiro da nossa pátria. Quem ler a fé de ofício do valoroso compatriota, encontrará seu nome integrado em todas as lutas travadas durante o Império, desde as horas memoráveis da nossa independência política. A República encontrou-o coberto de condecorações e cercado do respeito de todos os brasileiros.

Nasceu no Rio Grande do Sul a 13 de dezembro de 1807. Embarcou como voluntário na fragata "Niterói" em 1823, passando depois para a "Pedro I", como 2.º tenente, em 1825. Fez a campanha da Independência e tomou parte na perseguição à esquadra lusitana até a embocadura do Tejo.

Aos vinte anos de idade, na Campanha Cisplatina, já se encontrava em pósto de comando. Em muitos combates se envolveu como figura principal. Prisioneiro na Patagônia, em 1827, conseguiu fugir vindo apresentar-se em Montevideo. Cooperou em todas as lutas do primeiro reinado, da Regência e do governo de Pedro II.

Em 1856, Marques Lisboa já era vice-almirante. A 14 de março de 1890, o Imperador concedeu-lhe o título de Barão de Tamandaré com grandeza e era nomeado Ajudante de Campo de Sua Magestade. Por decreto de 1.º de fevereiro

DEZEMBRO — 1953

de 1865 era elevado a Visconde de Tamandaré.

Na guerra do Rio da Prata, dirigiu os bombardeios de Paisandú. Assistiu ao sítio e rendição de



Uruguiana e dirigiu as operações da esquadra imperial na campanha contra o Paraguai.

Foi elevado a Conde de Tamandaré por decreto de 13 de dezembro de 1887 e a Marquês do mesmo título a 16 de maio de 1888. Depois da guerra do Paraguai, exerceu várias comissões importantes.

Ao se proclamar a República, a 15 de novembro de 1889, Tamandaré veio se despedir do velho monarca. Conta o almirante Boiteux que, ao saltar no Arsenal de Marinha, foi rodeado por numerosos oficiais, aos quais disse:

"Acima de tudo devemos ser brasileiros. O que está feito está feito. Cuidemos de trabalhar e engrandecer a nossa pátria." Dava, assim, o velho almirante um grande exemplo de amor à pátria e, ao mesmo tempo, fazia um protesto contra qualquer tentativa de reação aristocrática, visando a combater o novo regime.

O Governo Provisório de 1889, levando em conta seus relevantes serviços, baixou um decreto isentando-o da reforma compulsória e conservando-o na ativa em serviço extraordinário.

Esse decreto era uma homenagem excepcional ao glorioso marinheiro que tão alto elevara o nome e as tradições da Marinha brasileira. Apesar disso, em 1890, Tamandaré pediu reforma, que lhe foi concedida.

O culto que a Marinha brasileira vota à memória de Tamandaré não é somente um culto de classe. Ele exprime, em toda a sua amplitude, o respeito de todos os brasileiros, que sempre nele admiraram as mais insignes virtudes que um cidadão pode ostentar. Por isso, Tamandaré vive e continuará a viver nas páginas da História do Brasil.

TOSSE ? CODEINOL NUNCA FALHA



PREVENIDO PELAS CRIANÇAS POR SER DE GOSTO AGRAVAVEL.
PREVENIDO PELOS MÉDICOS POR SER O REMÉDIO QUE ALIVIA, ACALMA E CURA.
Indicado contra resfriados, tosse e bronquite.

Outra revista que obteve sucesso junto ao público infanto-juvenil foi o *Suplemento Juvenil*, publicado entre 1934 e 1945, por Adolfo Aizen, um dos precursores das histórias em quadrinhos no Brasil. O periódico trazia a seu público desenhos de personagens dos quadrinhos norte-americanos, com histórias seriadas, algumas apresentadas em cores, que caíram no gosto da juventude brasileira⁴². Durante sua circulação no período do Estado Novo, o *Suplemento* viria a aderir ao projeto governamental de promover constantes ensinamentos de natureza cívica para as crianças e os jovens, e, para tanto, dedicou significativa parte de suas edições para as lições de moral e civismo, movidas por meio de concursos, história em quadrinhos e matérias especiais. Nesse quadro, os personagens históricos, guindados à condição de “heróis nacionais”, encontrariam significativo espaço nas páginas da publicação.

Nesse contexto, a imagem do almirante Tamandaré também esteve presente em alguns números do *Suplemento Juvenil*. Foi o caso de uma história em quadrinhos seriada denominada “A vida gloriosa de Caxias”, na qual, em um dos capítulos sobre a rendição dos paraguaios em Uruguaiana, era feita referência ao chamado do Imperador a que todos os aliados se apresentassem imediatamente, reunião na qual o almirante se fez presente, aparecendo como a figura central da ilustração⁴³.

⁴² GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; e MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

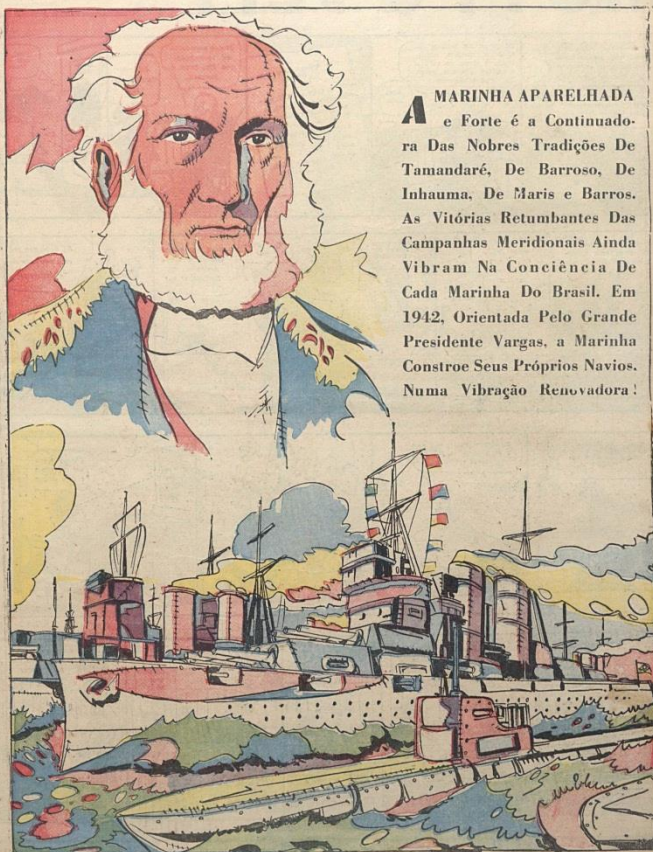
⁴³ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 fev. 1940.



Já durante a II Guerra Mundial, com o Brasil encaminhando sua aliança com os aliados, o *Suplemento Juvenil* também participaria do esforço de guerra, com a busca do convencimento da juventude quanto ao destino brasileiro no conflito bélico. Para tanto, houve uma propaganda intensiva acerca das potencialidades brasileiras no campo militar, com constantes demonstrações dos avanços promovidos pelo Estado Novo em relação às Forças Armadas. Foi o caso do desenho que mostrava “a Marinha aparelhada e forte”, atuando “como continuadora das nobres tradições de Tamandaré” e outros representantes da Armada nacional. Nesse quadro, a figura do almirante ocupava uma posição de pleno destaque na ilustração⁴⁴.

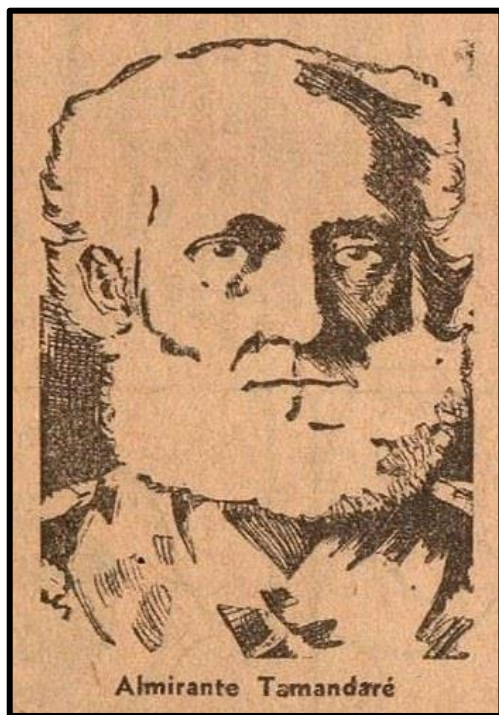
⁴⁴ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 18 abr. 1942.

POSITA SUA FÉ E CHEFE DA NAÇÃO



A MARINHA APARELHADA e Forte é a Continuada Das Nobres Tradições De Tamandaré, De Barroso, De Inhauma, De Maris e Barros. As Vitórias Retumbantes Das Campanhas Meridionais Ainda Vibram Na Consciência De Cada Marinha Do Brasil. Em 1942, Orientada Pelo Grande Presidente Vargas, a Marinha Constroe Seus Próprios Navios. Numa Vibração Renovadora!

A presença de textos da lavra de leitores constituiu uma prática do *Suplemento Juvenil*, como ao publicar o artigo “Tamandaré, o ‘Nelson brasileiro’”, que era “escrito pelo repórter-juvenil Edgar A. Leal”. O teor da matéria era biográfico, com destaque para as guerras nas quais o personagem participou, além de sua ascensão militar e na hierarquia da nobreza brasileira. Havia também um destaque para “sua vida cheia de episódios de heroísmo”, normalmente vinculados a salvamentos ocorridos em ambiente litorâneo.



(detalhe)

Tamandaré, "O Nelson Brasileiro"



Almirante Tamandaré

Escrito pelo Reporter-Juvenil
EDGAR A. LEAL
São Paulo

NASCEU Joaquim Marques Lisboa, o "Nelson Brasileiro", na Vila do Estreito, no Rio Grande do Sul, no ano de 1807. Filho de um prático da barra do Rio Grande, desde cedo demonstrou queda para a carreira marítima, e como dizem que "filho de peixe peixinho é", ingressou Marques Lisboa na então nascente marinha nacional, sendo, então, destacado, como praticante de piloto, para a fragata "Niterói", sob as ordens do mercenário inglês John Taylor.

Na luta travada pela independência, na Baía, teve a "Niterói" papel destacado indo até as costas portuguesas na perseguição das batidas naves de Madeira, tendo Marques Lisboa dado inúmeras provas de coragem e sangue frio.

No término da luta, que culminou com a nossa independência, já era 2.º tenente em comissão, sendo, então, desligado do serviço ativo e matriculado no 1.º ano da Academia Naval. Aos 16 anos, terminava o curso, voltando ao mar.

Dele disse certa vez o Almirante Cockrane ao imperador D. Pedro I:

— Majestade, aquele senhor será o Nelson Brasileiro. "

Sua vida é cheia de episódios, de heroísmo, entre os quais destacam-se os seguintes:

Por ocasião da Cabanada, que se travou no Pará, comandava o brique "Caboão". Estando a banhar-se no rio diversos tripulantes, foi um marinheiro atacado por uma enorme sucuri, que

se lhe enrolou no corpo. Marques Lisboa atirou-se ao rio e armado com uma navalha conseguiu salvar a vida de seu subalterno.

De outra feita, já, então, chefe de divisão, passava pela praia do Flamengo, quando ouviu gritos de socorro, vindos do mar. Era uma canoa que naufragava ao largo. Sem perda de tempo, precipitou-se ao mar, conseguindo salvar os dois infelizes tripulantes, que eram negros escravos. O senhor de ambos, que se negou a recebê-los, dizendo que ele os havia salvo e a ele os oferecia, ao que lhe respondeu Marques Lisboa:

"Só se for para libertá-los".

E assim fez, salvando-os duplamente, da morte e da escravidão.

Em 50 anos de constante luta no mar, tomando parte destacada em todas as lutas internas e externas do 1.º e 2.º Impérios, ascendeu a todos os postos da marinha, de tenente a almirante, chefiando a esquadra brasileira no Prata, durante a guerra do Paraguai. Teve todos os graus de nobreza desde barão, visconde, conde, até marquês, com o título que escolheu: Tamandaré.

Certa vez, regressando de uma visita à Ilha das Encxadas, o Imperador D. Pedro II, ao pular da prancha no Arsenal de Marinha, escorregou, caindo ao mar!

O reboliço foi enorme, mas, Tamandaré, agilmente, embora contasse 73 anos, jogou-se ao mar, salvando o Imperador. A respeito desse fato circulava pela boca dos marinheiros os seguintes versos:

"Sua Majestade no Arsenal
Caiu náguas; foi ao fundo.
E todos os peixes gritaram:
Viva D. Pedro II!"

Logo, vivo como um peixe,
Não o deixou cair a ré,
Do pouco cheiroso banho
Retirou-o Tamandaré!

Na sua vida íntima era simples e às vezes até rude.

➔ **CONCLUI NA
10.ª PAGINA**

Outra presença do almirante Tamandaré deu-se na seção “A História do Brasil pelos seus vultos”, assinada por Roberto Macedo, com um dos capítulos destinado para “Os grandes almirantes”, no caso sendo um deles Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré. A historieta trazia o menino Rebedeco que conversava com o personagem em pauta, em alusão à tentativa de mostrar certa proximidade entre o “vulto histórico” e a criança ou o jovem, ou seja, o leitor do *Suplemento Juvenil*. Por meio das perguntas do garoto, eram revelados detalhes da carreira do militar, com a presença de um desenho que ilustrava o encontro⁴⁵.

⁴⁵ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 20 abr. 1943.



(detalhe)

Quase Esgotada a Edição Especial De MIRIM Que Publicamos Domingo Em Homenagem Ao Presidente Da República

Edição de Terça-Feira

SUPLEMENTO

16 PAGINAS

PREÇO: CR\$ 0,40 cts.
(400 REIS)

Corretor, Redação e Oficinas:
Rua Bandeira Cultural 43 (Praça
Macy) — Telefone: 800.000
43-1863 e 23-4800. Redação e Ofi-
cinas: 83.5557. Endereçamento: Rua
General Custódio, 319. Telefone
43-3079.

EMPRESA "A NOITE" — PUBLICAÇÕES INFANTIS

Superintendente: Luis Galvão da Costa Netto

Diretor: Adolfo Alcan ★ Gerente: Denizar Villela

A N O X ● Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1943 ● Num. 1322

Assinaturas pelo correio para
envio: Norte da fronteira,
ANO — 126 milréis, CR\$ 45,00
SEMIESTRE — 73 mil-
réis, CR\$ 25,00
TRIMESTRE — 36 mil-
réis, CR\$ 13,00



Capítulo 12

OS GRANDES ALMIRANTES

JOAQUIM MARQUES
LISBOA
(Marquês de Tamandaré)

JÁ habitando as paragens extralimitadas, foi o almirante, que Rebêdoz dirigiu a palavra ao Almirante Marques de Tamandaré:

— Como é que o senhor chegou ao posto de comandante da esquadra brasileira?

— Toda a minha vida tem sido consagrada à marinha. Sempre me empenhei pelos de responsabilidade.

— Sempre?

— Sim. Desde guarda-marinha. Entrei para a armada em 1823 como voluntário. Servi o princípio na fragata "Niterói". Fui segundo tenente em 1835 e logo no ano seguinte fui primeiro dos patrulheiros.

— Chit! O senhor com tanta pouca idade...

— Perdoe o orgulho, não há dúvida. Mas conheci fugir. Estudou os guardas e defendendo minha vida de armas na mão.

— Parece uma coroa de romance.

— Para realidade. Promovido a primeiro tenente, comandi vários navios. Tomei parte em campanhas. Recabei condecorações por atos de bravura.

— Mas desvagar, "senhor" Tamandaré. Conte um desses atos...

— Por exemplo, em 1838, quando eu já era capitão de mar e guerra, salvé o navio inglês "Ocean Monarch", que estava se incendiando. Cento e sessenta pessoas deram a vida à minha habilidade como marinheiro. Um sinal de apreço: o governo inglês me deu um relógio de ouro, com uma porção de francos anuais, rescatados na lamp.

— Deixe ver.

— Tamandaré puxou um grande relógio de algaibê, encostou-o ao ouvido do Rebêdoz. O merulho ouviu distintos: tic-tac, tic-tac.

— Como é que o relógio pode andar assim? — contestou o Rebêdoz.

— Muitas das mecânicas — respondeu o Almirante. — Também o navio anda assim. As máquinas de um

navio a vapor são tão delicadas como o mecanismo de um relógio.

— Mas existem os navios a vela, movidos pela ventania.

— Então desaparecem.

O vapor vai dominar a navegação. Eu conheço todos os tipos de embarcações. Prefiro o vapor. Quando o governo brasileiro me mandou à Europa, para comprar embarcações, eu trouxe dois vapores, próprios para a navegação do rio Paraguai. Quando voltei ao Brasil, encontrei a esquadra em preparativos para levar o Imperador, as províncias do norte do país.

— Em que ano?

— Voei a Buenos Aires, hein?

Em 1850. Foi nomeado comandante da esquadra que acompanharia o senhor dom Pedro II. O Imperador gostou muito de mim e no ano seguinte recbei o título de Barão de Tamandaré.

— O senhor se chama...

— Joaquim Marques Lisboa. Recbei o título de Barão de Tamandaré porque fui no senado de Tamandaré, no norte do Brasil, que enterrem um irmão meu, morto em combate. Eu fui buscar os restos mortais do meu irmão e, em homenagem a ele, nomeei o navio com o nome de Barão de Tamandaré.

— Sempre ouvi dizer que o senhor era Marquês.

— Em 1860 fui elevado a Visconde. Hoje sou Marquês. Mas não é isso que eu considero mais importante na minha vida: quero ser sempre bom marinheiro e bom amigo de Sua Majestade o Imperador dom Pedro II.

— Na também gosto do dom Pedro II.

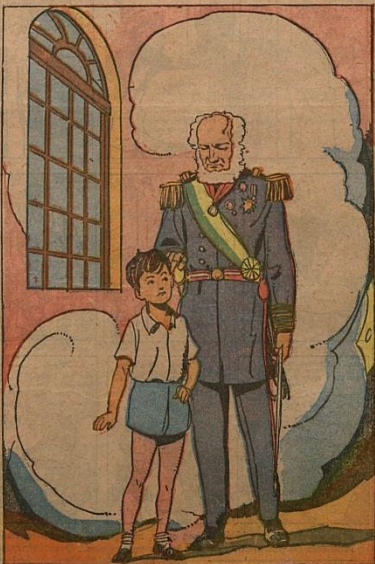
— Não gosto mais do que eu. Como marinheiro, eu comandi um navio nos dezesseis anos de idade. Salvei vidas, salvei navios, comandi almirante, dirigi esquadras, gravei medallas. — Estou satisfeito. Como amigo do senhor dom Pedro II, espero viver, um dia, que a minha dedicação ao Imperador do Brasil não se revome apenas em palavras.

— O senhor está falando sempre um "carinhoso". No entanto, o senhor é Almirante e Marquês.

— É maneira de dizer. Tudo o que vivo no mar são marinheiros. Mas se você quer conhecer um marinheiro de verdade, um marinheiro exemplar, venha comigo.

— Sem repetir Rebêdoz pouco na mão que lhe oferecia o Marquês de Tamandaré. Foram ambos. Rebêdoz entrou pela escotilha de um navio e se achou numa enfermaria de bordo.

— Chamava-se Marcelino — disse Tamandaré antes de desaparecer. — E morreu, certo, mas, cabido condado. Perdeu um braço.



Tamandaré puxou um grande relógio de algaibê, encostou-o ao ouvido do Rebêdoz...

(*) — Na proclamação da República, Tamandaré, quando tinha 109 anos, foi nomeado o primeiro presidente da República.

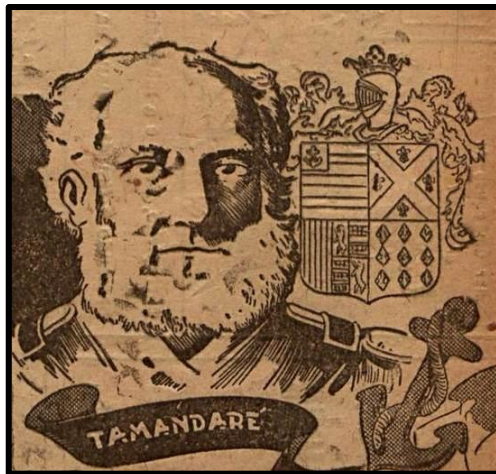
Na Próxima Terça-Feira:

Capítulo 13

OS GRANDES MARINHEIROS

Marcelino Dias

O *Suplemento Juvenil* apresentou recorrentemente a seção “Cenas da história pátria”, na qual era destacado um personagem e/ou episódio da formação histórica brasileira. Uma delas foi dedicada a Tamandaré, denominado de “o Deus da Armada”, com texto do poeta, jornalista e professor Murilo Araújo, e desenhos do desenhista e profissional da propaganda, Nelson Jungbluth. Tratava-se de uma história em quadrinhos contendo detalhes da vida marinha de Tamandaré, concentrando-se no início de sua carreira, em sua participação nas diversas guerras nas quais se envolveu o Império e nas operações de salvamento por ele realizadas, sempre com destaque para os atos de “heroísmo e triunfo” que teriam marcado a existência da personalidade em pauta⁴⁶.



(detalhe)

⁴⁶ SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º abr. 1944.

CENAS DA HISTÓRIA PÁTRIA

TAMANDARÉ, O Deus da ARMADA

TEXTO DE MURILLO ARAUJO

DESENHO DE NELSON JUNGBLUTH



N AQUELA fria manhã de Junho de 1823, a fragata "Niterói", de velas perdidas, perseguida, malhada e vitiosa, e capitã portuguesa, em fuga, rumo ao Tejo. E a bordo, entre a marinhagem atroz, lá a vitinha, conjuga a festa, um rapaz de olhos azuis, nascido no Sul. O Comendante Taylor o contempla de longe, com um sorriso de orgulho. E a futura donzela ressoa. O jovem chinês era Joaquim Marques Lisboa!



Q UEM não bem se iniciava devia ser mais tarde a maior glória da nossa Marinha: o bravo Almirante Tamandaré. Embora de outra Armada, sua primeira vitória foi também a primeira vitória naval do Brasil, a carreira triunfante de "Niterói", na luta de Cochran, que deu ao país a Independência. Joaquim Marques Lisboa embarca ali como voluntário, pela Liberdade da Pátria.



E M pouco tempo era um marujo completo. Com 16 anos, o Almirante Cochran pediu seu embarque na sua esquadra, a "Frota 1". O Almirante aborreu que covardia não se admitir ninguém sem os estudos da Academia de Marinha. E o grande Almirante se tornou que Joaquim Marques viveu a escola de um na via de guerra, o melhor de todos, onde a teoria se vir à prática...



T ENDO sido requerida a promoção de jovem e distinto marujo no posto de 2.º Tenente, Taylor informou: "só posso admitir a saída do 1.º Almirante, a minha e a de todos os seus superiores. O ash, coragem e espírito que mostrou foi visto por todos com prazer e admiração". E assegurou, "as palavras de honra", que ali "condenou um navio a qualquer porto do mundo".



E O jovem oficial que mostrara esse valor tinha, então, dezesseis anos! E Taylor, afirmando que fosse premiado seu "condado marcial", acrescenta: "as suas conquistas estavam-lhe confiadas". E Marques Lisboa seguiu, desde esse dia, uma carreira de luta e de glórias. Lobo de mar verdadeiro! Cipitio de barco à vela!



S UA fronte, curvada pelo sul das ondas, atrevesa bacia longa e revolta como as espumas. Marcos como ondas correm ao longo. Ali está o mar. Tábuas um serviço de Pátria se em tornam com a mar! Tripulantes fragatas, brigas e canoas. Comandante navio e socorro. Luta e vitória no Sul e no Norte e nos dias gloriosos do Paraguai.



V IENDO a aplicação de vapor à nave, desenhos navais da guerra a vapor. E comendando um dia, o "D. Afonso", na viagem de experiência, quando a frota, com alta paridade, tripulação de uma galera invencível, foi lida em frente a Liverpool. O fogo devorava silenciosamente a "Odon Menarch" e já haviam perdido os homens...



M ARQUES Lisboa apressa o "D. Afonso" rumo à galera em chamas. E quando do mar revoltado, conseguiu passar uma espiã a bordo da nave e salvar a nau e a nau. O Império distribuiu com flores notórias entre os seus marinheiros, que, generosamente, se ofereceram às vilas de navio silenciais. Os governos da América e da Inglaterra honraram o Brasil.



E AO breve Joaquim Marques Lisboa foi oferecido, pelo governo inglês, um cruzador de guerra, com reserção de seu generoso feito. O relógio marcou-lhe ainda muitas horas de barreira e triunfo... E, finalmente, numa tarde de 1897, na rua Marechal S. Vicente, a hora final, que foi, ao mesmo tempo, o hora de imortalidade...

Ainda no ramo das publicações infanto-juvenis esteve a revista *Vida Juvenil* que, já na capa, dizia ser destinada “para os jovens do Brasil”. Era editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, que publicou outros periódicos, e circulou entre 1949 e 1959. Além de histórias em quadrinhos, publicava matérias educativas envolvendo variadas áreas do conhecimento humano, jogos, passatempos, curiosidades, trabalhos manuais, contando também com colaborações de escritores e dos próprios leitores. No que tange à área histórica, a publicação trazia o segmento denominado “Quadros brasileiros”, com temáticas diversificadas e tom educativo e cívico.

Assim, na seção “Quadros brasileiros” a revista estampou a história em quadrinhos intitulada “O grande Tamandaré”, com texto do poeta, biógrafo e dramaturgo Carlos Marinho de Paula Barros e ilustrações de Ivan. A narração prendia-se aos atos de salvamento promovidos pelo almirante, assim, como sua participação das guerras do Brasil imperial, dados biográficos e sua ascensão na carreira militar. Com fundo laudatório, as legendas teciam elogios ao militar como “homem de raras virtudes”, promotor de “feito” de “heroísmo”, indivíduo que não tivera “em sua vida um gesto sequer passível de censura”, “cheio de ardor patriótico”, “exemplo luminoso das inestimáveis virtudes que devem ornar o caráter dos homens do mar” e “toda a sua vida de oficial é um grande livro onde a bravura e a integridade de caráter são páginas refulgentes”⁴⁷.

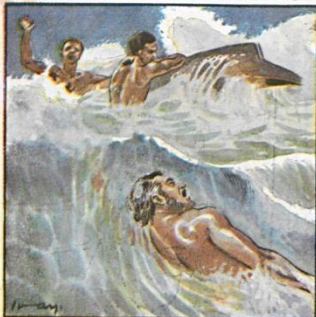
⁴⁷ VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro, jul. 1950.

QUADROS BRASILEIROS

C. PAULA BARROS

Ilustrações de IVAN

O Grande Tamandaré



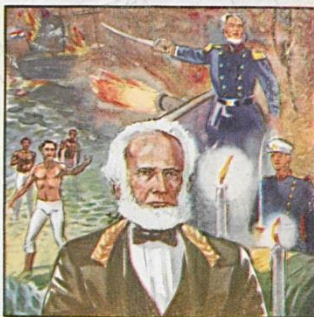
Homem de raras virtudes, Tamandaré teve na vida fatos como este: Certa noite sai em busca de remédios para a esposa. De volta é surpreendido por violento temporal. Na praia de Sta. Luzia pedem socorro dois pretos, naufragos de uma canoa. Tamandaré lança-se ao mar e salva-os. Depois, num bote, volta e socorre dois escaleres sendo um de navio inglês. Fala-se, então, em premiá-lo — contanto, diz ele, que o prêmio seja a liberdade dos dois pretos escravos.



De outra vez consegue rebocar a nau Vasco da Gama em meio tremendo temporal. Tal foi o heroísmo do feito, que a colônia portuguesa ofereceu-lhe uma espada de ouro. A sua condução de marinheiros, como a de cidadão, conta episódios onde, a bravura, a cooperação e o espírito de sacrifício são espelhos para a mocidade de todos os tempos. Por tantas glórias, D. Pedro II chamava-o Bayard Brasileiro e deu-lhe o título de Visconde.



O Almirante Tamandaré, diz Gastão Penhalva, preparou a vitória de Riachuelo. E essa vitória, afirma Dídio Costa, «constituiu o mais brilhante triunfo das armas imperiais». Ao cair Uruguiano Tamandaré estava ao lado do Imperador, após viagem tormentosa, através dos sertões inhóspitos. Lembrando-se de tantas dedicações à Pátria, no dia em que completou 80 anos, recebeu das mãos de D. Pedro, uma vistosa coroa de conde, como mais tarde, o título de Marquês.



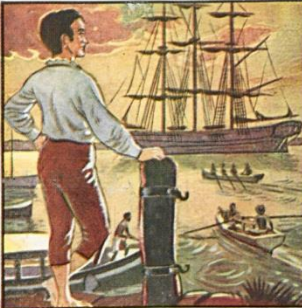
Quando se proclamou a República a carreira de Tamandaré encerrou-se para sempre. Abalado pela surpresa imensa, o amigo sincero e leal de D. Pedro nunca mais vestiu a farda com a qual doirara de glórias a Nação. A 20 de março de 1897, entre os seus, como um patriarca, morre Tamandaré. Cobriu-se o Brasil de luto chorando a morte do que fora, como o grande Bayard — sem medo e sem que houvesse tido em sua vida, um gesto, sequer, passível de censura.

QUADROS BRASILEIROS

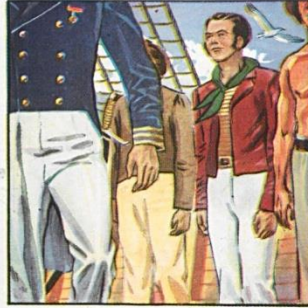
C. PAULA BARROS

Ilustrações de IVAN

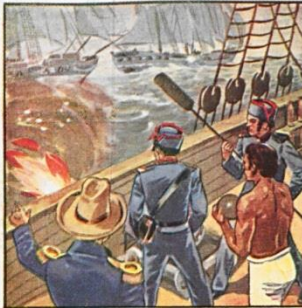
O Grande Tamandaré



Foi na cidade de S. Pedro do Rio Grande do Sul, que a 13 de Dezembro de 1807, nasceu Joaquim Marques Lisboa, o legendário Almirante Tamandaré. Foram seus pais D. Eufásia Joaquina de Azevedo Lima e um português de Famalicão, Francisco Marques Lisboa, nomeado para exercer o cargo de práctico-mar da barra, com honras de segundo tenente. E, caso curioso: nessa mesma terra de Tamandaré, nasceu também Marcílio Dias, outra glória da Marinha.



O destino marcou o menino, à hora de nascer, com o timbre de ouro dos predestinados. Ele seria alçado e se havia de tornar, como se tornou, um dos orgulhos de sua Pátria. A 4 de março de 1823, o jovem futuro Almirante Tamandaré, cheio de ardor patriótico, pisava o convés de seu primeiro navio, a fragata Niterói. Nela, desde logo, o moço tornou-se um exemplo luminoso das inestimáveis virtudes que devem ornar o caráter dos Homens do Mar.



A luta da Independência encontrou o rapazinho embarcado no Pedro I para receber, no encontro da esquadra brasileira com a portuguesa, na Bahia, seu batismo de fogo. E desde esse dia, Tamandaré portou-se com a honra dos grandes destemidos. Em pouco, Lord Cochrane, dele falava ao Imperador: «Majestade! Esse jovem oficial será o Nelson brasileiro». O elogio, porém, não foi só do Almirante, igualmente de bravo John Taylor, comandante do rapaz.



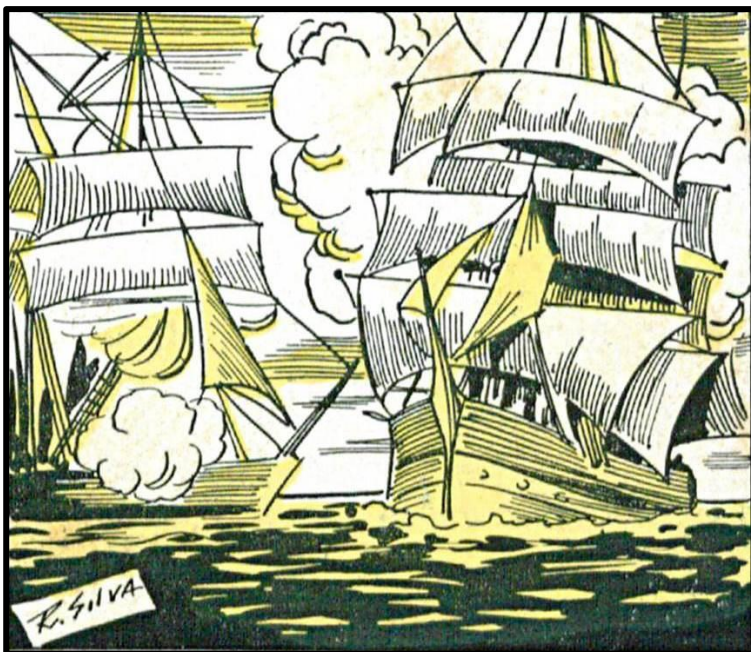
Depois de tirar o curso de Marinha, embarcado com os mais ilustres comandantes de seu tempo, gozando a estima dos companheiros e dos chefes, conquistou os galões de Primeiro Tenente. Ai embarca na fragata Príncipe Imperial, a pedido do comandante Norton que o estimava e o tinha em excepcional apreço e admiração. Toda a sua vida de oficial é um grande livro onde a bravura e a integridade de caráter, são páginas refulgentes.

O almirante Tamandaré também receberia homenagem da *Vida Juvenil*, com a publicação de seu retrato na capa da revista, que anunciava o personagem como um dos “vultos brasileiros”. A matéria interna trazia traços biográficos e dados sobre a sua ação militar, bem como definia que “Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, foi o almirante símbolo da Marinha de nossa pátria”. Também ficava demarcado que a vida do almirante fora “um contínuo trabalho para o bem estar da coletividade” e “para a grandeza de sua pátria”, sendo ainda reconhecido como um “herói”, cujas atitudes teriam sido sempre calcadas na lealdade⁴⁸. Outra presença de tal líder da Armada brasileira deu-se no segmento “Quadros Brasileiros”, este sobre o imperial marinhaeiro Marcílio Dias. Ainda que a imagem do personagem não tenha aparecido diretamente, era apresentada a cena bélica naval, encenando a “memorável tomada de Paissandu”, considerada como “feito admirável do grande almirante, bravo, leal, admirável vulto de nossa História”⁴⁹.

⁴⁸ VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º dez. 1951.

⁴⁹ VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro, 15 ago. 1957.





O mesmo Adolfo Aizen que fundou o Grande Consórcio de Suplementos Nacionais, responsável pela edição do *Suplemento Juvenil*, viria a se dedicar a outros projetos como foi o caso da “revista juvenil” *Mirim*. Após essas edições, fundou a Editora Brasil-América (EBAL), que manteria a publicação de histórias em quadrinhos e diversificaria seu quadro editorial, vindo a contar com alguns dos mais importantes profissionais do ramo e obtendo um amplo público leitor e reconhecimento ao longo das várias décadas nas quais esteve em atividade.

Um dos motes editoriais da EBAL foi a publicação de material destinado à divulgação de temas de natureza histórica. Nesse quadro, na década de 1950,

a Editora EBAL levaria ao público uma série denominada “Grandes Figuras em Quadrinhos” e o número 3, publicado em dezembro de 1958, seria dedicado a “Tamandaré, o *Nelson Brasileiro*”. Tal edição teve por redatora do texto a professora Nair Miranda, já a capa e os desenhos do corpo da revista foram elaborados por Nico Rosso, reconhecido ilustrador de sua época.

O número da série que trazia “Tamandaré em quadrinhos” já era uma natural homenagem ao Patrono da Marinha, tendo em vista ter sido publicada no mês de seu aniversário natalício⁵⁰. Já na capa ficava evidenciada a forte inter-relação do personagem com o mar, aparecendo, em primeiro plano, sua efígie mais conhecida, envelhecido e com suas condecorações e, ao fundo, o mar, com a silhueta de uma embarcação distante. Na abertura, um breve pronunciamento de Tamandaré, sobre “servir e honrar” a pátria, com a reprodução da assinatura do Almirante. A frase de abertura do texto muito lembrava as notas publicadas pela imprensa por ocasião das efemérides do 13 de dezembro: “Joaquim Marques Lisboa, glorioso Almirante da Marinha de Guerra Brasileira, devotou sua longa vida ao serviço da Pátria”, pois, nascido à época colonial, servira “com denodo aos dois Imperadores e à Regência” e vira “seus dias se apagarem em plena vigência da República”. Levando em conta a proposta de um ensinamento moral do passado, a revista arrematava a nota introdutória ressaltando sobre o personagem que “sua bravura, sua energia, sua lealdade, sua disciplina”

⁵⁰ Tamandaré, o *Nelson Brasileiro* - Grandes figuras em quadrinhos. N. 3. Rio de Janeiro: EBAL, 1954.

seriam “um exemplo para a mocidade brasileira”, de modo que deveria ser reverenciada sua memória, já que ele fora “um dos varões mais ilustres que viveram nas plagas americanas”. O texto de abertura era acompanhado de desenho com o busto de Tamandaré, simbolizando seu papel histórico e o desejo de sua perpetuação na memória, a bandeira do Império, pela qual ele se batia ao longo da vida e que levou ao túmulo, o globo, representando suas viagens pelo mundo, o canhão, demarcando as várias guerras em que lutou, uma lápide com as datas de seu nascimento e morte e, finalmente, a âncora, símbolo da arma que defendeu durante toda a sua existência.

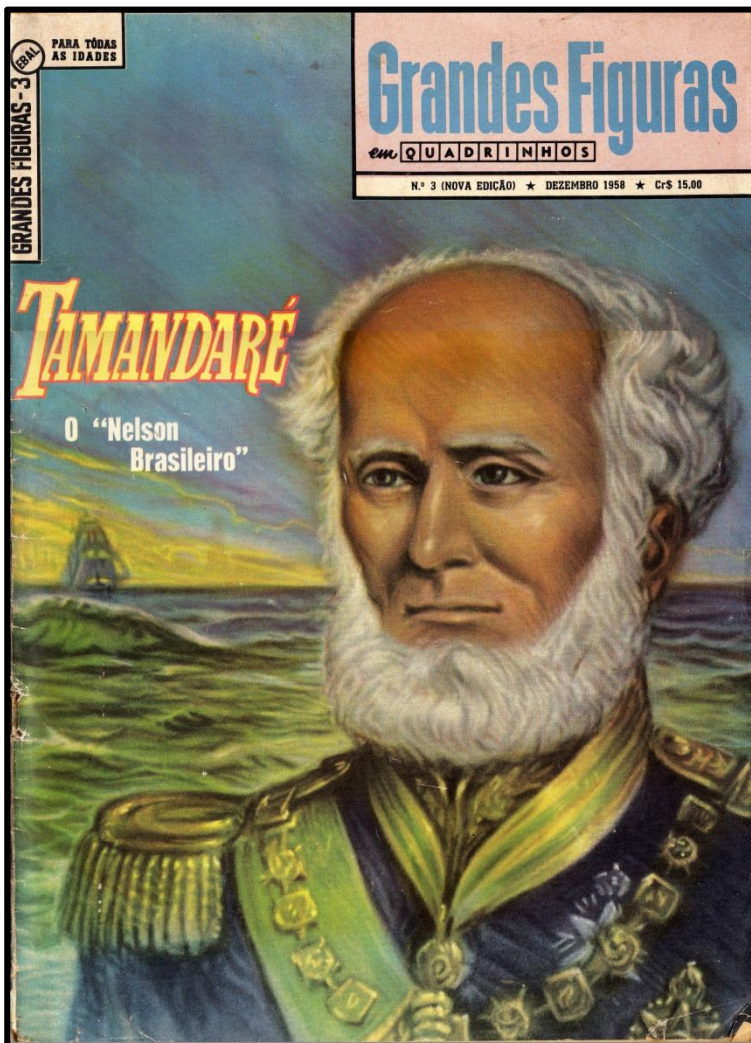
Para elaborar o texto da “história em quadrinhos” foram utilizadas as informações das principais biografias existentes acerca de Tamandaré, a maior parte delas já editadas àquela época, prevalecendo em muito o destaque aos segmentos dos conteúdos de caráter laudatório dessas obras. A narrativa tinha no início as discussões entre governantes brasileiros quanto aos destinos do novo país e a necessidade de consolidação da independência, destacando a formação da Marinha, mormente a partir da presença britânica, com ênfase a Lord Cochrane. A primeira presença de Marques Lisboa no desenho se dá quando o jovem Joaquim se alista como voluntário, declarando seu nome, data de nascimento e a “Cidade do Rio Grande” como local de nascimento, revelando que a controvérsia sobre sua naturalidade já vinha então sendo encerrada. As ações militares na Guerra da Independência, incluindo a expedição até Portugal, receberam grande destaque na edição ilustrada. Os debates quanto ao embarque dos voluntários também fizeram parte da narrativa, bem

como a campanha da Cisplatina, incluindo os acontecimentos na Patagônia.

“Grandes Figuras em Quadrinhos” estampava também a ação da Marinha, personalizada em Joaquim Marques Lisboa, nas várias lutas empreendidas contra os focos revolucionários em diversas províncias brasileiras. Grande destaque receberia o episódio do salvamento do *Ocean Monarch*, o repasse da recompensa aos sobreviventes e o cronômetro de ouro recebido pelo comandante, assim como o salvamento da *Vasco da Gama* e a espada doada pela colônia lusa. O matrimônio, as ações no continente europeu em busca de reaparelhamento e modernização da Armada e as origens do título de nobreza também fizeram parte da narrativa, que teria por culminância as campanhas contra o Uruguai de Aguirre e o Paraguai de Lopez, e por epílogo a chegada da nova forma de governo e o afastamento de Tamandaré da vida pública. Certas informações episódicas e pitorescas destacadas pelos biógrafos do Almirante também demarcaram a revista ilustrada, caso das provas de natação e a caçada ao jacaré nos rios nortistas; da devolução que fez, indignado ante possíveis dúvidas de um funcionário quanto à aquisição de um aparelho de porcelana que servira para atender a integrantes da Família Imperial a bordo do vapor *D. Afonso*; do salvamento de escravos que se afogavam no Rio de Janeiro; do hábito de andar de cabeça descoberta, e de sua preferência em ser chamado de “Marques” ao invés de “Marquês”.

A narração da “história em quadrinhos” encerrava-se com a descrição da morte do Patrono da Marinha e, tal qual na abertura, trazia uma mensagem final: “terminara a vida heróica do marinheiro que

pisara o convés de tábuas dos veleiros, da nau e do brigue”, bem como “trouxera ao Brasil o seu primeiro vapor, que construíra o seu primeiro encouraçado, que glorificara sua Marinha de Guerra no salvamento de muitas vidas e na vitória ao final de muitos combates”. Mais uma vez a revista lançava mão da questão da memória em torno do personagem retratado, exclamando que deveria ser “reverenciada como o símbolo da gloriosa Marinha Brasileira a memória de Tamandaré”, a qual permaneceria “como um exemplo para as gerações futuras”. O desenho que estampava a última página trazia o velame de uma embarcação, o canhão com suas balas e a espada, designativos de sua ação militar, o símbolo de seu título nobiliárquico, uma pira votiva e o monumento erguido em Botafogo, no Rio de Janeiro, em homenagem ao Marquês de Tamandaré. Mesmo a contracapa servia para lembrar a ação do Almirante Joaquim Marques Lisboa e da Marinha do Brasil, trazendo o desenho da fragata *Niterói* e de uma moderna embarcação, citando uma frase atribuída a Tamandaré: “A classe a que pertencemos só pode brilhar pelo conjunto de qualidades que habilitem o homem a desempenhar o sacerdócio de depositário da honra e da glória da nação”.



TAMANDARÉ

O "NELSON BRASILEIRO"

"Ademais, meus filhos; lembrem-se que se preparam para servir e honrar a nossa Pátria e sempre diante dos olhos a tarefa."

Joaquim Marques Lisboa

Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré, glorioso Almirante da Marinha de Guerra brasileira, devotou sua longa vida ao serviço da Pátria. Nasceu no Brasil colonial, serviu com distinção os dois Imperadores e a Regência. Viu seus dias se apagarem em plena vigência da República. Sua bravura, sua energia, sua lealdade, sua disciplina, são um exemplo para a mocidade brasileira. Reverenciemos sua memória. Foi um dos varões mais ilustres que viveram nas plagas americanas.

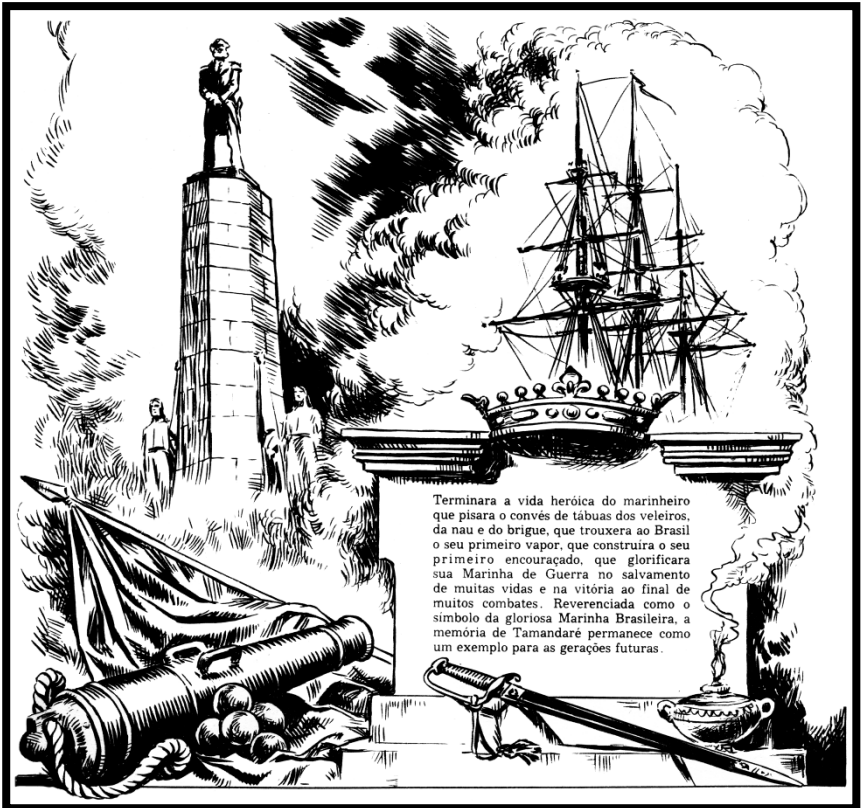
TEXTO DA PROF.^a
NAIR MIRANDA

CAPA E DESENHOS DE
NICO ROSSO

Editor da Reprodução e Quadrinhos da EDITORA BRASIL AMÉRICA LIMITADA

NOVA EDIÇÃO: 3 DEZEMBRO 1958

GRANDES FIGURAS • (N.º 3)



Dessa maneira, a imagem viria a contribuir decisivamente para a difusão de informações e opiniões. O apelo visual colaborava com o sentido e complementava o texto, por vezes até transformando este em coadjuvante. Muitos dos personagens da vida pública do século XIX foram retratados em grande escala, fosse pela caricatura, fosse pelos meios técnicos disponíveis em cada época, e alguns deles permaneceriam tendo suas imagens reproduzidas, para

fins didáticos e/ou de divulgação, mesmo na centúria seguinte. Dentre estes esteve o Almirante Tamandaré, presente em diversificadas manifestações iconográficas ao longo de várias etapas da formação histórica brasileira, mormente a partir de sua participação nas guerras contra Aguirre e Lopez e, posteriormente, quando passou a simbolizar o marinheiro brasileiro e a desempenhar o papel de Patrono da Marinha. Esses breves estudos de caso, envolvendo desde publicações humorístico-ilustradas até edições voltadas ao público infanto-juvenil, podem ser sintetizados a partir de duas dessas publicações, que, de épocas bem distintas, corroboram a perspectiva da difusão da imagem de Tamandaré. A da *Sentinela do Sul*, coeva à existência de Marques Lisboa, retratava um momento de inflexão da vida militar do então vice-almirante, demarcado pelo seu afastamento do cenário da guerra, e refletia o clima de intranquilidade nacional vivenciado com a continuidade do conflito. Já “Grandes Figuras em Quadrinhos – Tamandaré – o *Nelson Brasileiro*” era publicada quase cem anos após a primeira, em uma época de certa calma política advinda da propagação do desenvolvimentismo juscelinista, por uma editora de ampla propagação no mercado brasileiro de então, revelando a existência de espaço junto ao público consumidor daquele tipo de leitura. Ainda que em períodos históricos tão díspares e com suas características discursivas e editoriais próprias, cada uma das publicações tinha ao menos um sentido em comum, a difusão e fixação do personagem retratado junto ao cotidiano e à mentalidade do público leitor,

visando à perpetuação do mesmo em meio à memória coletiva dos brasileiros⁵¹.

⁵¹ Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Almirante Joaquim Marques Lisboa – o bicentenário do Marquês de Tamandaré: história & memória*. Rio Grande: Marinha do Brasil; 5º Distrito Naval; Faculdades Atlântico Sul; Anhanguera Educacional, 2007. p. 81-104.

A Guerra do Paraguai em alegorias na imprensa caricata da Corte e do Rio Grande do Sul (1867-1868)

A imprensa ilustrada e humorística voltada à edição de caricaturas passou por uma fase de expansão no contexto brasileiro da segunda metade do século XIX. Tais publicações caricatas caíram no gosto do público tendo em vista o uso da imagem associada ao texto, vindo a oferecer um produto alternativo ao tradicional periodismo, reconhecido pela expressão de imprensa séria. Com pautas editoriais normalmente calcadas na crítica, no humor, na ironia e na jocosidade, tais folhas apresentaram uma perspectiva caricatural da vida em sociedade, muitas vezes provocando certa agitação em meio ao ambiente no qual circulavam.

Foram diversas as estratégias e técnicas iconográficas e textuais utilizadas por esses humorístico-ilustrados, no sentido de promover junto aos leitores a identificação com a mensagem que se pretendia difundir. Dentre elas, houve o uso das alegorias, no sentido de um mecanismo indireto para representar algo sob uma outra aparência. Nessa linha, “a alegoria é uma figuração que toma com maior frequência a forma humana, mas que por vezes toma a forma de um animal ou de um vegetal”, ou mesmo “a de um feito heroico, a de uma determinada situação, a de uma virtude ou a de

um ser abstrato". Desse modo, "a alegoria é uma operação racional que não implica passagem a um novo plano do ser nem a uma nova profundidade de consciência", vindo a constituir "a figuração, em um mesmo nível de consciência daquilo que já pode ser bem conhecido de uma outra maneira"⁵².

A partir das representações alegóricas se dá a mecanização do símbolo, pelo que sua qualidade dominante se petrifica e converte-se em signo, ainda que aparentemente animado pela roupagem simbólica tradicional. Os elementos constitutivos da alegoria podem retornar a seu estado simbólico em determinadas circunstâncias, ou seja, se são captados como tais pelo inconsciente, com o esquecimento da finalidade semiótica e meramente representativa que possuem. De acordo com tal perspectiva, pode existir um reino intermediário de imagens criadas conscientemente, ainda que utilizando experiências ancestrais. Esse é o caso da arte, na qual os símbolos foram ordenados em sistemas conscientes e tradicionais, canônicos, porém sua vida interior continua pulsando sob essa ordenação racionalizada, podendo desse modo aparecer em um momento⁵³.

Assim, dentre os tantos recursos utilizados pelos jornais caricatos, a alegoria se fez presente, sob o intento de promover a expressão de uma determinada ideia/interpretação articulada com a compreensão do público leitor. Tal estratégia servia amplamente para a

⁵² CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. xvi.

⁵³ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 37-38.

difusão do espírito crítico dessas publicações, em suas mais amplas práticas, fosse a crítica política, a social ou a de costumes. As alegorias serviam dessa maneira para despertar no receptor das construções imagéticas – associadas às textuais – algum nível de reflexão a respeito do tema abordado.

A Guerra do Paraguai foi um dos eventos que maior impacto encontrou na imprensa brasileira do século XIX e tal processo não seria diferente em meio às publicações caricatas, as quais não mediram esforços para trazer informações/opiniões acerca do teatro de operações para um público ávido por conhecimento acerca do que acontecia em terras guaranis. Para tanto, esses periódicos utilizaram-se, em termos textuais, de editoriais, artigos, notas, relatos de correspondentes; e, quanto à natureza iconográfica, de reproduções de cenas de batalhas, de retratos dos personagens envolvidos, de mapas e plantas e, mesmo da própria caricatura na expressão da mensagem que se pretendia repassar. Em relação a essas últimas, o uso da alegoria foi característico, como demonstra esta breve amostragem no seio das folhas caricatas que circularam na Corte e no Rio Grande do Sul, nos anos de 1867 e 1868.

O Rio de Janeiro, sede da administração monárquica, além de constituir o centro político nacional, era também o ponto de irradiação cultural do país. No que tange às publicações ilustradas e humorísticas, foram exatamente as editadas na Corte aquelas que tiveram maior relevância, vindo inclusive a influenciar fortemente as demais experiências do mesmo

gênero praticadas em outras localidades do Império⁵⁴. No âmbito carioca, em meio às revistas voltadas à caricatura, foram publicadas a *Semana Ilustrada* que circulou entre 1860 e 1876, e publicava, além dos desenhos, poesias, crônicas e contos, contando com alguns dos mais conhecidos escritores e jornalistas da época⁵⁵; *O Arlequim*, editado no ano de 1867, que, de acordo com o seu título, apresentava-se como o farsante por excelência, e pretendia ser popular, ao dizer que seria sempre do povo, esperando que este olhasse de esguelha para as suas arlequinadas⁵⁶; e *A Vida Fluminense*, continuação do anterior, que foi publicada entre 1868 e 1876, apresentando-se como uma folha jocosséria, que traria em suas páginas retratos, biografias, caricaturas, figurinos de modas, músicas, romances

⁵⁴ A respeito desse processo de expansão da imprensa caricata, ver: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Ideias de Jeca Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, 1920.; SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976

⁵⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.

⁵⁶ O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 5 maio 1867.

nacionais e estrangeiros, artigos humorísticos, crônicas e revistas⁵⁷.

Em relação à Guerra do Paraguai, no período entre 1867 e 1868, uma das alegorias publicadas pela imprensa caricata trazia a figura do indígena, a qual viria a incorporar em si a representação do povo brasileiro, empunhando pavilhão nacional e próximo a um saco que designava as despesas de guerra. Tal personagem colocava para correr em fuga o líder paraguaio Francisco Solano Lopez, como um presságio de uma vitória, que ainda demoraria a vir. A concepção do índio como símbolo da nação brasileira foi utilizada recorrentemente pela imprensa caricata e era inspirada no romantismo e sua busca pelas heranças do passado, a qual, na Europa, trouxe o apelo para a imagem do cavaleiro medieval e, no Brasil, para os habitantes originais do país, que passariam a carregar em si o próprio significado da nacionalidade. A cena era complementada pela presença de um anjo, ser intermediário entre as divindades e o mundo, promovendo as interfaces entre os indivíduos e os deuses⁵⁸, o qual empunhava uma pena, como se estivesse a escrever os destinos do enfrentamento bélico. Tal perspectiva era confirmada pelo título da gravura, “Paz única” e dos versos que serviam como legenda: “Paz assim é desejável/Paz assim será durável/Paz de outra qualquer feição/É paz de degradação”⁵⁹, em clara referência ao pressuposto da Tríplice Aliança de que o

⁵⁷ SODRÉ, p. 206.; A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 4 jan. 1868.

⁵⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 60.

⁵⁹ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 abr. 1867.

final da guerra só poderia acontecer a partir do afastamento de Lopez do poder.



A alegoria envolvendo o indígena voltaria a aparecer, desta vez recebendo uma figura feminina que simbolizava a província da Bahia, a qual teria enviado

mais contingentes para o confronto bélico no Paraguai. A imagem da mulher traz consigo relações variadas como a impulsiva, a afetiva, a intelectual e a moral, correspondentes a cada uma de suas formas essenciais em todas as alegorias baseadas na personificação⁶⁰. A legenda, na forma de versos, retratava a incorporação da nova leva de soldados: “Ardendo em patriotismo,/A nobre, invicta Bahia,/Para a sangrenta porfia/Traz mais quinhentos heróis./E diz: Ó pátria recebe-os!/Manda-os ao campo da glória!/Honrarão a pátria história,/Honrando ilustres avós!”⁶¹.



⁶⁰ CIRLOT. p. 391.

⁶¹ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 28 abr. 1867.

Em outra representação, uma figura feminina, designando a honra nacional, aparecia em desespero e espavorida diante dos fantasmas que se aproximavam, com o significado da destruição e da morte. Tais elementos sinistros eram identificados com a fome, a oposição e a má fé, além da própria guerra, em relação aos combates no Paraguai e até mesmo Urquiza, em referência ao nome de um líder militar argentino, fazendo alusão às difíceis alianças então travadas. A ilustração denominava-se “Os espectros da atualidade” e nela, o índio que simbolizava o Brasil se mostrava impávido, pronto a defender aquela mulher em perigo, como confirmava a legenda: “Venham eles, que o Brasil não apavora, porque tem consciência do que vale”⁶².

A intenção era a mesma em outra gravura que apresentava o índio defendendo o pavilhão nacional, pronto para disparar um canhão, de acordo com o que definia a legenda: “O Brasil espera ansioso o momento de começar a luta. Ai do mísero que ousou insultá-lo!”⁶³. As figuras indígenas apareciam duplicadas em mais uma representação denominada “Assunto épico”, na qual o “índio/Brasil” e sua filha preparavam-se para desafiar o “cacique dos guaranis” – Solano Lopez – promovendo um desagradado da nacionalidade brasileira, como dizia a legenda: “A gentil Lindoia e seu pai Brasil vão visitar as *prisões* de Humaitá e convidar o cacique dos guaranis para o estrondoso baile oferecido a D. Desafrenta Nacional. Hão de figurar no baile dez

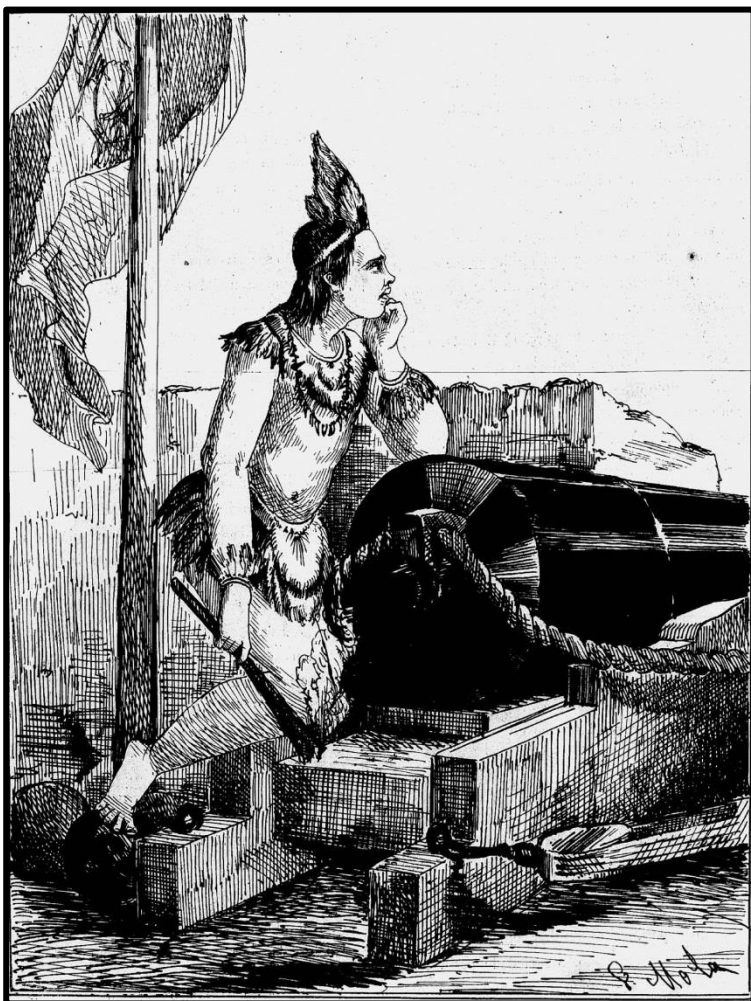
⁶² ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 14 jul. 1867.

⁶³ ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 28 jul. 1867.

músicos de couraças, que deleitarão com o ribombo de suas *harmonias* os ecos do Paraguai”⁶⁴.



⁶⁴ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º set. 1867.





Discordâncias para com as versões apresentadas na imprensa europeia a respeito da Guerra do Paraguai também foram manifestadas pelas publicações caricatas com o uso de alegorias. Foi o caso da figura de Mercúrio, símbolo da inteligência industriosa e realizadora, assim

como o mensageiro dos deuses⁶⁵, que levava para a Europa a notícia de mais uma vitória brasileira. A legenda complementava a ideia da cena: “A imprensa europeia ao receber a notícia de Humaitá tem um desmaio e cai do seu trono. Todos os jornais publicarão um artigo assim: ‘Parece que o gabinete do Rio de Janeiro untou as mãos do télégrafo’. Que dirá ela quando lhe mandarmos, em vez de uma notícia o próprio Lopez?”⁶⁶. O conteúdo era muito próximo em outra ilustração, na qual uma indígena representando o Brasil, servia para a “imprensa europeia” vários pratos que designavam sucessos bélicos brasileiros. Enquanto a figura que simbolizava o velho continente dizia: “As iguarias estão duras”; a índia respondia: “Que esta empada já lhe não agradaria estava eu certa, como estou certíssima de não ser para os seus dentes esta costeleta que aqui trago... em todo o caso experimente-a e verá se lhe fica ou não atravessado o osso na garganta”⁶⁷.

⁶⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 487.

⁶⁶ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 29 mar. 1868.

⁶⁷ SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 18 out. 1868.





Os reflexos do enfrentamento bélico na economia também eram tratados pelas folhas caricatas. Foi o caso de pessoas cujas cabeças eram transmutadas em dinheiro, com o sentido de valor e, por conseguinte, o da alteração deste, o que poderia parecer uma modificação da verdade⁶⁸. Enquanto no Brasil elas se encontravam empobrecidas e vestidas em andrajos, na região platina, elas encontravam-se felizes e engalanadas, em alusão aos avolumados gastos de guerra e a desvalorização da moeda nacional no Império. Nesse sentido, a legenda afirmava: “No Brasil – O papel maltrapilho e sem crédito mendiga envergonhado à porta da Praça do Comércio. Coitadinhol; No Rio da Prata – O ouro passeia garboso e

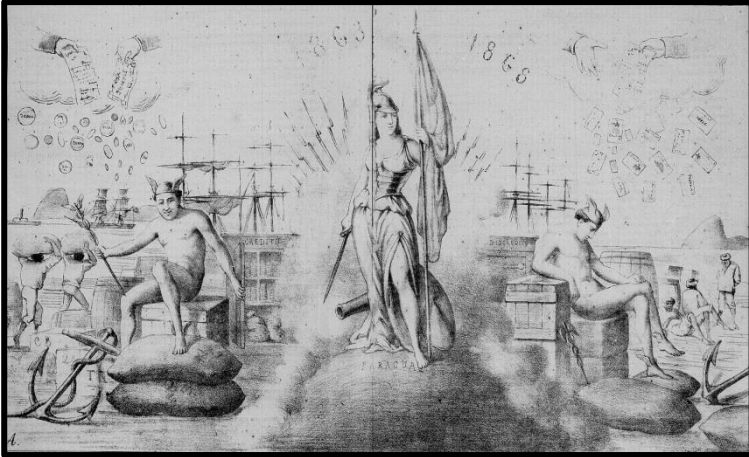
⁶⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 613.

bem quisto, sem saudades do Banco do Brasil. Que ingrato!”⁶⁹. Já outra caricatura, com inspiração nas entidades mitológicas da antiguidade clássica, mostrava a divindade da guerra, em posição dominante, ao passo que o deus que representava as atividades mercantis aparecia duplicado, um alvissareiro, e outro cabisbaixo, refletindo as consequências do conflito bélico no comércio de exportação e importação e nos crédito nacional na época anterior e posterior ao desencadear do enfrentamento. A legenda era breve: “Influência da deusa da guerra sobre o deus do comércio”⁷⁰.



⁶⁹ A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 25 jan. 1868.

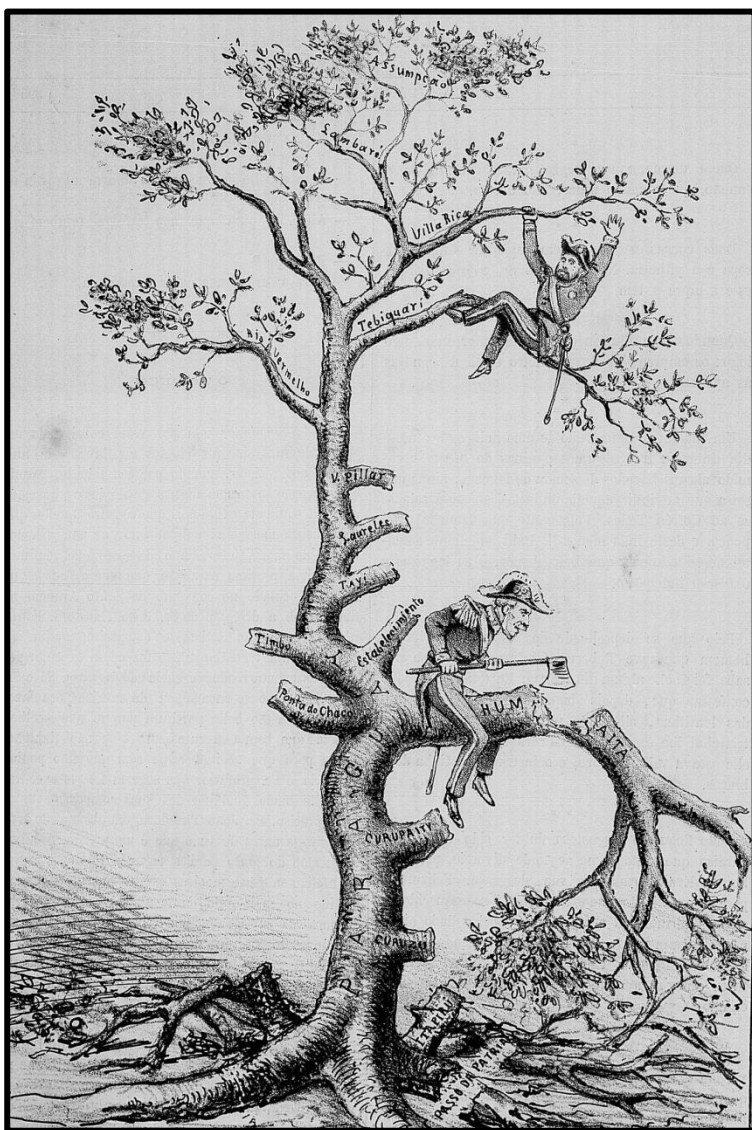
⁷⁰ A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 7 nov. 1868.



Os próprios acontecimentos do teatro de operações – efetivamente realizados ou desejados – chegavam a ser representados alegoricamente. Era o caso da ilustração “Últimas notícias da guerra”, na qual o enfrentamento era representado por uma árvore, como a figuração simbólica de uma entidade que a ultrapassa e também símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, evocando todo o sentido da verticalidade⁷¹. A árvore trazia o significado do território paraguaio e do avanço brasileiro ao longo do mesmo, com um militar brasileiro, Caxias, de machado em punho, cortando vários dos galhos, que representavam as vitórias brasileiras. Ao alto, Solano Lopez subia apressadamente, fugindo, e o ponto mais alto era Assunção, a capital paraguaia⁷².

⁷¹ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 84.

⁷² A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 15 ago. 1868.



Uma outra representação da guerra era feita com os mesmos personagens, desta vez em uma teia de aranha, que, por sua forma espiral, apresenta a ideia de criação e desenvolvimento, de roda e de centro, no qual espera a destruição e a agressão⁷³, bem de acordo com o cenário bélico em terras paraguaias. Caxias, designando as forças brasileiras, assumia a forma de uma aranha, a qual, destruindo e construindo sem cessar, simboliza a inversão contínua através da qual se mantém em equilíbrio a vida, significando ainda o sacrifício contínuo, mediante o qual o homem se transforma sem cessar durante sua existência⁷⁴. Por outro lado, Francisco Solano Lopez era metamorfoseado em mosquito, símbolo da agressividade e do inseto que procura obstinadamente violar a vida íntima de sua vítima e se alimenta de seu sangue⁷⁵. Na cena, o Caxias-aranha avançava em direção ao Lopez-mosquito, conforme explicava a legenda: “À força de paciência e perseverança consegue sempre a aranha prender em sua teia o desvairado mosquito”⁷⁶.

⁷³ CIRLOT. p. 555.

⁷⁴ CIRLOT. p. 90-91.

⁷⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 623.

⁷⁶ A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 26 set. 1868.



A arte da caricatura expressa por meio da imprensa também se manifestou no Rio Grande, com vários periódicos circulando nas mais importantes cidades da província. O mais antigo deles foi *A Sentinela do Sul*, publicado em Porto Alegre, no período entre julho de 1867 e, provavelmente, a virada entre 1868 e 1869, embora só existam exemplares remanescentes até aquele ano. Com qualidade gráfica bastante significativa para os padrões da época, uma vez comparado aos seus companheiros do mesmo gênero, que mantinham críticas significativamente incisivas e acirradas, o

periódico manteve um comportamento bastante moderado⁷⁷.

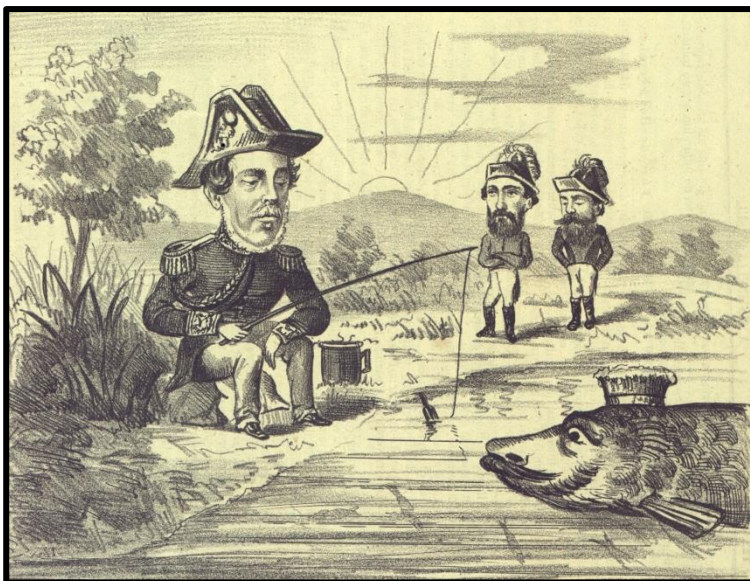
A Guerra do Paraguai foi um dos temas mais recorrentes da publicação gaúcha que, ao retratar o conflito bélico, utilizou-se por várias vezes de representações alegóricas. Uma delas denominava-se “A pesca milagrosa” e mostrava Caxias, representando as forças brasileiras, pescando tranquilamente, ao passo que Mitre e Flores, designando respectivamente argentinos e uruguaaios, aguardavam ao longe. A caricatura representava a morosidade com a qual vinha se desenvolvendo a guerra e demonstrava a necessidade de paciência para vencer os obstáculos. O alvo da pesca – e por conseguinte, da captura – era Solano Lopez, que era apresentado como se fosse um peixe, em alusão ao animal em movimento, podendo ser visto como uma espécie de pássaro das zonas inferiores⁷⁸, ou seja, era caracterizado como um indivíduo difícil de ser apanhado. Assim, o conjunto da ilustração trazia consigo as dificuldades até então demarcadas para promover o encerramento da guerra⁷⁹. Com sentido próximo, em outra representação, um político brasileiro tentava rolar uma grande pedra monte acima, com a legenda: “Sísifo rolando a pedra da fábula”. Tal personagem foi condenado pela eternidade a rolar uma pedra pela encosta de uma montanha, até chegar ao cume, ocasião em que a rocha despencava e voltava ao lugar de origem, para que o

⁷⁷ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.

⁷⁸ CIRLOT. p. 453.

⁷⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867.

trabalho reiniciasse consecutivamente. A rocha em questão carregava consigo o sentido da imobilidade e do imutável⁸⁰, em uma alusão a um esforço contínuo, cujo resultado tornava-se inútil, referindo-se à demora no desfecho do enfrentamento bélico⁸¹.



⁸⁰ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 782.

⁸¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 23 fev. 1868.



Uma imagem feminina apresentada pelo periódico tinha a inspiração na liberdade, a qual comumente teve uma iconografia característica, em geral associada à figura da mulher⁸². Nesse sentido, o *hebdomadário* sul-rio-grandense mostrava a “mulher-liberdade” que pranteava o túmulo de Venâncio Flores, líder uruguaio e um dos promotores da Tríplice Aliança, com a afirmação de que ela estava “chorando a morte de um dos seus mais valentes campeões”⁸³. Figuras femininas representando as unidades administrativas do Império também foram utilizadas por *A Sentinela do Sul*, como ao mostrar duas mulheres, uma como a província do Rio Grande do Sul, a outra, a de Minas Gerais. Enquanto a primeira dava uma espada para um

⁸² BURKE, Peter. *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 97.

⁸³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º mar. 1868.

indivíduo, a outra entregava um doce para o seu provinciano. Era uma referência a um dos temas preferenciais do periódico, ao tratar das formas diferenciadas pelas quais observava o tratamento de gaúchos e de representantes das províncias centrais quando o assunto era a guerra, observando privilégios para estes e enormes sacrifícios para aqueles⁸⁴.



⁸⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868.



A cada vitória em uma batalha, o semanário ilustrado gaúcho considerava-a decisiva e antevia a possibilidade do término da guerra. Foi assim que a folha representou “A vitória de Humaitá e Assunção”, apresentando a figura de uma mulher alada, na forma de uma alegoria da vitória⁸⁵, com a espada do enfrentamento bélico em uma das mãos e os louros do triunfo em outra. Aos seus pés aparecia o pavilhão nacional e objetos que lembravam as forças de terra e mar que lutavam em terras paraguaias e, ao fundo, surgia a silhueta das conquistas que teriam sido obtidas a partir do avanço das forças aliadas⁸⁶.

⁸⁵ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. xvi.

⁸⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868.



Em outra ocasião, *A Sentinela do Sul* também lançava mão de um recurso tão recorrentemente utilizado pelas folhas caricatas, ou seja, a imagem do indígena para representar a nação brasileira. Na cena, o índio se encontrava de braços dados com dois típicos *gauchos*, representações de argentinos e uruguaios.

Apesar da aparente amizade, o jornal deixava transparecer a enorme desconfiança nutrida para com os países aliados na Tríplice Aliança, como deixava transparecer na legenda: “O Brasil, a República Oriental e a Confederação Argentina, são amigos... no Paraguai”⁸⁷.



Assim, a alegoria, como mecanização do símbolo, traz consigo uma qualidade dominante que se petrifica e converte-se em signo, mesmo aparentemente animado pela roupagem simbólica tradicional. Nessa linha, as alegorias foram forjadas muitas vezes com plena consciência para finalidades cênicas ou literárias, ou mesmo na síntese entre o iconográfico e o textual, como no caso da arte da caricatura⁸⁸. Dessa maneira, os

⁸⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 maio 1868.

⁸⁸ CIRLOT. p. 37.

periódicos humorístico-ilustrados publicados na Corte e no Rio Grande do Sul, entre 1867 e 1868, utilizaram-se da alegoria como estratégia imagética voltada a apresentar uma dada realidade transmutada a partir do prisma caricatural, lançando mão desse recurso para apresentar suas respectivas versões acerca de determinados acontecimentos na Guerra do Paraguai, visando desse modo a, associando imagem e texto, atender ao enorme interesse do público leitor acerca daquele teatro de operações, longínquo, mas decisivo para os destinos do país.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

ISBN: 978-65-89557-38-8



9 786589 557388